

REDES DE IMPLÍCITOS ENTRE TEXTO-BASE, ENUNCIADO E ALTERNATIVAS: UM OLHAR PARA ITENS DA PROVA DE LINGUAGENS DO ENEM

Zacarias Oliveira Neri¹

Maria Angélica Freire de Carvalho²

RESUMO: No processo de leitura, a atividade inferencial é uma estratégia cognitiva em que o leitor estabelece relações de sentidos ancoradas em bases linguísticas, textuais e pragmáticas. Nesse processo, há uma constante articulação de conteúdos que implica contrabalancear informações implícitas e explícitas em objetos linguísticos, cabendo ao leitor observar dicas e pistas que os compõem. Para tal, esse leitor conta com conhecimentos linguísticos, textuais e de mundo que auxiliam no percurso para a compreensão. Esse processamento compõe habilidades que, no contexto do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), importam para a avaliação da proficiência leitora. Diante disso, neste artigo expõe-se um estudo que teve como objetivo analisar itens da prova de linguagens do ENEM na relação texto-base, enunciado e alternativas para a formulação de respostas apoiadas em implícitos, de acordo com as relações textuais e pragmáticas envolvidas. A pesquisa foi realizada com base em seis itens da edição do exame aplicado em 2022, observando a competência esperada do candidato (leitor) em cada item. Na constituição, o gênero textual envolvido, as informações implícitas e possíveis inferências, assim como a presença de dicas e pistas, desde o texto-base até as alternativas disponíveis como possíveis respostas. Quanto à metodologia, desenvolveu-se uma pesquisa de abordagem qualitativa e documental, com tipo descritivo, interpretativo e explicativo. Como fundamentos teóricos foram utilizados os estudos de Coscarelli (2002), Dascal (2006), Marcuschi (2011), Matias (2016), Paiva (2014), Zironi e Nascimento (2006), entre outros autores. Quanto aos resultados, identificou-se que os enunciados exigem, conforme a perspectiva do ENEM, leitores competentes, o que é esperado, explorando relações lógicas entre as partes do item e diferentes estratégias cognitivas para a compreensão.

1- Mestrando em Linguística (UFPI), graduado em Letras Português (UFPI) e em Letras Inglês (UNOPAR).

2- Doutora em Linguística (UNICAMP) e Professora adjunta (UFPI).

Porém, diante dos índices de reprovação no exame, é reconhecível que esse emprego não é tarefa simples, resultado da ausência de uma formação discente que considere a perspectiva interdisciplinar e a associação de conhecimentos. Para tal, é preciso incentivar nas salas de aula práticas de leitura que abranjam também fenômenos pragmáticos no texto, para além da superfície linguística. É necessário que se invista na formação de leitores com acesso a diferentes informações, além dos conhecimentos técnicos exigidos.

Palavras-chave: Implícitos. Itens de avaliação. Exame Nacional do Ensino Médio.

IMPLICIT NETWORKS BETWEEN BASE TEXT, STATEMENT, AND ALTERNATIVES: A LOOK AT ITEMS FROM THE ENEM LANGUAGE EXAM

ABSTRACT: In the reading process, inferential activity is a cognitive strategy in which the reader establishes sense relations anchored in linguistic, textual, and pragmatic bases. In this process, there is a constant articulation of content that involves balancing implicit and explicit information in linguistic objects, requiring the reader to observe hints and clues that compose them. To do so, this reader relies on linguistic, textual, and world knowledge that assists in the path to comprehension. This processing encompasses skills that, in the context of the National High School Exam (ENEM), are important for assessing reading proficiency. In light of this, this article presents a study that aimed to analyze items from the ENEM language test concerning the base text, statement, and alternatives for formulating responses based on implicatures, according to the textual and pragmatic relations involved. The research was conducted based on six items from the exam applied in 2022, observing the expected competence of the candidate (reader) in each item. The constitution involved the textual genre, implicit information, and possible inferences, as well as the presence of hints and clues, from the base text to the available alternatives as possible answers. Regarding methodology, qualitative and documentary research was developed, with a descriptive, interpretative, and explanatory type. Theoretical foundations included studies by Coscarelli (2002), Dascal (2006), Marcuschi (2011), Matias (2016), Paiva (2014), Zironi and Nascimento (2006), among other authors. As for the results, it was identified that the statements require, from the ENEM's perspective, competent readers, which is expected, exploring logical relations between parts of the item and different cognitive strategies for comprehension. However, given the high failure rates in the exam, it is recognizable that this

task is not simple, resulting from the absence of student training that considers an interdisciplinary perspective and the association of knowledge. Therefore, it is necessary to encourage reading practices in classrooms that also cover pragmatic phenomena in the text, beyond the linguistic surface. Investment is needed in forming readers with access to different information, in addition to the required technical knowledge.

Key-words: Implicit. Evaluation items. National High School Exam.

Introdução

Desde a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) até a vigência da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), o avanço do trabalho com a leitura e a adoção de novas perspectivas de trabalho com o texto são perceptíveis. Por outro lado, a realidade prática não costuma abranger o “avanço” previsto nos documentos oficiais, um exemplo dessa ausência são os baixos resultados do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Esse baixo rendimento demonstra que a compreensão de textos não tem sido bem orientada nas práticas escolares, o que afeta a compreensão dos enunciados apresentados na elaboração dos itens e nas exigências feitas para a resolução da questão proposta. A habilidade de compreender textos é condição para avaliação, como se vê na identificação do objetivo da prova do ENEM, uma Avaliação de Larga Escala (ALE).

A ALE é “uma modalidade desenvolvida no âmbito dos sistemas de ensino com o objetivo principal de subsidiar políticas públicas na área educacional” (Sudbrack; Cocco, 2014, p. 351). No caso do ENEM, é por meio desse exame que se conquista uma vaga em Universidades públicas, embora haja outras instituições que proponham outras formas de ingresso. O exame exige dos estudantes dedicação ao estudo, devido à alta concorrência por uma vaga no ensino superior público.

O desempenho é calculado com base na Teoria de Resposta ao Item (TRI), a tarefa destinada ao aluno para que o item seja respondido envolve a integração de todas as partes que o compõem, iniciando pelo enunciado, que apresentará o propósito da questão, sendo, portanto, um elemento fundamental. Para essa compreensão do item, é necessário identificar não só as materialidades que o constituem, mas também o que nelas não está dito, o conteúdo inferível.

Desse modo, o trabalho do leitor parte da relação que há nos itens entre texto-base – enunciado – alternativas (Araújo, 2017), marcada pela busca de informações implícitas. A identificação dessas informações é uma das

habilidades de leitura requeridas na prova, mas os resultados insatisfatórios do exame³ revelam que falta esse domínio por muitos estudantes brasileiros, que já deveriam ter desenvolvido tais habilidades durante a Educação Básica.

Nesse contexto, o objetivo geral deste trabalho é analisar itens da prova de linguagens do ENEM (edição de 2022) na relação texto-base, enunciado e alternativas para a formulação de respostas apoiadas em implícitos. É a necessidade de observar a importância desse processo que justifica a realização desta pesquisa, identificando que informações devem ser recuperadas e articuladas às questões. Ao observar as alternativas que não correspondem ao gabarito, podem ser indicadas informações pressupostas que seriam recuperadas pelos sujeitos para reconhecerem a impossibilidade da alternativa como resposta.

O objetivo geral se divide nos seguintes objetivos específicos: (i) Identificar os critérios da prova do ENEM quanto às estratégias utilizadas para a avaliação do conhecimento dos participantes; (ii) selecionar seis itens da prova de linguagens do ENEM de acordo com as competências específicas da prova para analisá-los; (iii) reconhecer as possíveis lacunas identificadas na leitura dos itens, que, preenchidas, constituirão os implícitos; (iv) verificar as possíveis expectativas de resposta dos itens de acordo com as alternativas disponíveis.

1. Avaliações de Larga Escala (ALE): enunciados do ENEM

As Avaliações de Larga Escala (ALE) visam a melhoria da educação e a sua democratização (Sudbrack; Cocco, 2014), pois são elaboradas e planejadas com a finalidade de promover mudanças. Uma característica importante é que elas são aplicadas em contexto nacional e apresentam as mesmas questões avaliativas, em uma tentativa democrática de analisar determinados aspectos, que serão definidos conforme os propósitos de cada tipo de ALE realizada.

No contexto da ALE, encontra-se a prova do ENEM, com um total de 180 itens, divididos entre quatro áreas, e a produção de uma redação na modalidade do texto dissertativo-argumentativo. As quatro áreas são: Linguagens e Códigos e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Matemática e suas Tecnologias, cada uma com 45 itens, contendo suas respectivas competências

3- Informações comprovadas com base no INEP/MEC, revelam baixo rendimento na edição de 2018, como mostra a notícia abaixo. https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2018/01/23/internas_educacao,932780/resultado-do-enem-mostra-que-metade-dos-candidatos-tomariam-bomba.shtml#:~:text=REPROVA%C3%87%C3%83O%20Na%20prova%20de%20c%C3%B3digos,alcan%C3%A7ou%20menos%20de%20600%20pontos.

específicas.

Conforme as diretrizes do exame (Brasil, 2010), o texto-base é a principal motivação para a constituição e discussão do item, o qual é pautado nos aspectos de situações-problema – desafios que constituem o item e instigam os candidatos a tomarem decisões. Já o enunciado comporta a situação-problema, delimitando o contexto a ser observado de acordo com a leitura, o que significa que o enunciado não pode fugir das informações presentes no texto-base. Quanto às alternativas, elas exploram possibilidades de resposta no contexto geral do item.

Ainda que a prova não desprezede conceitos, pois evidentemente eles são importantes, há um rompimento com a ideia de conhecimento ligada ao acúmulo de conceitos, porque o que marca o exame é a união entre trabalho conceitual e conteúdo procedimental (Macedo in Inep, 2005), ou seja, o “saber colocar em prática” é mais valioso do que apenas o “saber”; é a aplicação que deve ser centralizada. O “saber colocar em prática” pauta-se na interdisciplinaridade; na mediação de competências; na contextualização (Machado in Inep, 2005).

É por esse viés que a prova do ENEM é vista como uma prova que, em geral, não se identifica com uma área do saber explicitada em cada item. De acordo com Kleiman e Moraes apud Gomes (2005), a interdisciplinaridade e a transversalidade são aspectos mencionados nos documentos de ensino: os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) e, contemporaneamente, na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Tais aspectos não se desvinculam nem da escola e nem do ENEM, sendo processos essenciais para o desenvolvimento das práticas de leitura.

Assim, “o ENEM busca avaliar competências e não informações” (Matias, 2016, p. 30), por isso o grande investimento no trabalho com leitura, argumentação e resolução de situações-problema. Assim, a prova visa superar “questões que apelam para o concurso de informações meramente memorizadas” (Matias, 2016, p. 38) e, por esse motivo, a dinâmica da avaliação é diferenciada, principalmente pela constituição dos itens, visto que desde o texto até o enunciado o leitor/candidato assume uma participação ativa.

Por outro lado, o objetivo dessa discussão não é definir o ENEM como o centro da aprendizagem, muito menos colocá-lo como o centro do objetivo do ensino básico. As problematizações que foram destacadas mostram apenas que o aluno não está habituado com práticas que inserem o texto em situações-problema, o que deveria ser comum na aprendizagem.

Diante dessa relação, faz-se necessário apresentar a integração entre texto e enunciado. O enunciado, portanto, é esse trecho após o texto-

base que traz o direcionamento acerca do ponto de vista que se deve aderir para compreender o propósito do item e definir uma das alternativas como resposta. Depois da leitura do texto, o enunciado auxiliará o desencadeamento da função do texto com base nos objetivos do comando do item - uma leitura que desarticula esses construtos é problemática. A imagem abaixo revela o percurso feito pelo candidato:

Quadro 01: Caracterização dos elementos dos itens com base em Paiva (2014)

Texto-base	Enunciado	Alternativas
Situação de partida	Desafio	Decisão final

Fonte: elaborado pelo autor

É no enunciado, então, que o candidato é desafiado a tomar uma decisão final. Mas, para que isso aconteça, a situação de partida é indispensável. Essa retomada corrobora a reflexão de Zironi e Nascimento (2006) quando declaram que há uma ancoragem definida pelo texto-base, a qual, unida ao enunciado de comando, gera uma planificação visível do item e a compreensão de processos linguísticos e textuais do funcionamento sociodiscursivo da linguagem.

À luz de princípios teóricos, tais processos linguísticos, textuais e discursivos podem ser observados através de áreas dos estudos da linguagem. No contexto do estudo desenvolvido, a Linguística Textual e a Pragmática, integradas, possibilitam a observação desses processos, o que será exposto na segunda seção do artigo.

2. Linguística Textual e Pragmática: integração de conceitos no estudo de redes de implícitos na interação texto e leitor

É indispensável tomar a Linguística do Texto (LT) como área predominante em tal delimitação, considerando seu objeto de investigação e os estudos sobre a linguagem e sua concepção atualizada, na base dos estudos discursivos. Neste percurso teórico há um entrelaçamento com os estudos Pragmáticos, considerando a abordagem sobre os usos de linguagem e o modo como os interagentes protagonizam a comunicação nos variados contextos.

Uma importante consideração a ser feita a respeito dos estudos pragmáticos é a pertinência dessa área quanto à proposição feita por Dascal (1986) sobre a constituição do texto e a construção de sentidos. Para o autor, conforme defende Charles Sanders Peirce (1977), há três aspectos em qualquer

semiose: o próprio sinal e o que ele designa; a pessoa para quem esse sinal funciona; a relação básica entre sinal, designação e intérprete. Ao juntar esses elementos, tem-se uma relação triádica, que pode ser relacionada à própria associação entre Sintaxe, Semântica e Pragmática.

A significação se estabelece na integração do que é visível e inferível no texto, reconhecendo que há níveis informacionais diferentes; conteúdos mais profundos no texto que são acoplados de acordo com as relações possíveis em blocos recuperáveis (Koch, 2002). Nesse sentido, pode-se afirmar que, embora haja a explicitude dos textos, ela é relativizada, porque a língua não é transparente, ou seja, sempre haverá a possibilidade de recorrência de não-ditos.

Assim, observar o texto é considerar diferentes aspectos textuais e pragmáticos, cabendo ao leitor construir uma relação que o permita identificá-los para que a compreensão se estabeleça. Marcuschi (2011) afirma que a leitura é um processo cognitivo, social e histórico que delinea diferentes horizontes ou perfis de compreensão. Para tal delineamento, como afirma o autor, o leitor precisa gerenciar o modo como a leitura acontece, pois a leitura não se dá de qualquer forma; é preciso contrabalancear estratégias para a compreensão.

Frente a tal reflexão, Marcuschi (2011) destaca que as inferências contribuem de maneira essencial para a compreensão de textos, por promoverem a continuidade da coerência textual em um contexto situado, sendo vários os tipos de inferência. Mas as inferências pragmáticas, por serem de base contextual, se tornam decisivas para o trabalho do leitor nas diversas atividades do cotidiano. Coscarelli (2002) afirma que a inferência é tudo aquilo que o leitor adiciona ao texto, pois este é envolvido pela situação comunicativa, a qual é específica, pelos conhecimentos prévios e pelos dados do texto. Para ilustrar o que a autora defende, foi elaborada a figura abaixo:

Figura 01: A formação do processo inferencial para o leitor



Fonte: elaborado pelo autor com base em Coscarelli (2002)

Para Coscarelli (2002), o leitor constrói proposições a partir da reunião de todos esses elementos. Esclarecendo um pouco mais, é importante compreender que o leitor acrescenta ao texto informações não explícitas, mas não são informações que atendem as próprias vontades do leitor, e sim informações que respeitam as indicações do texto.

Aliadas ao conhecimento prévio, tem-se as informações implícitas como deflagradoras do processo inferencial. Isso porque, conforme a autora, “as inferências são feitas para preencher as lacunas do texto porque é impossível o texto trazer todas as informações de que o leitor necessitaria” (Coscarelli, 2002). Essa afirmação permite abrir espaço para os implícitos diante do processo inferencial.

Ducrot (1977) se aprofunda em diferentes tipos de implícitos, que podem ser apresentados sendo uma significação atestada pelo próprio dizer ou sendo um dizer “como se não dissessem” apresentado em virtude da significação das frases da língua. Os implícitos são participantes constantes na rotina de qualquer leitor; essa constatação possibilita o seguinte esclarecimento: as informações implícitas não são, simplesmente, implícitas, elas costumam ser encapsuladas em marcadores de pressuposição, que possibilitam o desvelamento das informações, através de processos inferenciais realizados pelo leitor.

No texto, além da responsabilidade do enunciador, há a responsabilidade do interlocutor no processo. Tal ação compete no desvelamento das informações encapsuladas, ou seja, no reconhecimento das pistas textuais por meio das quais se ativam tais conteúdos. De forma mais específica, Dascal (2006) define a informação contextual como “pista” quando utilizada para a computação do significado da elocução do falante – o interlocutor lança a

pista para confirmar se está construindo a interpretação esperada pelo locutor.

Na perspectiva do ENEM, ao analisar itens, é possível relacionar dicas e pistas ao modo como o leitor identifica as informações na questão. Como característica dos itens, a dica aparece de modo mais marcado no texto, é aquilo que o leitor identifica diretamente e usa a seu favor; a pista também serve como orientação para o leitor, mas ela costuma estar mais diluída no texto, sendo necessária a utilização das informações não-ditas, que podem ser recuperadas e aliadas, atingindo uma compreensão pautada em uma leitura para além do superficial; o explícito.

3. Metodologia

Este artigo se trata de um estudo de abordagem metodológica qualitativa de tipo descritivo, conforme os estudos de Severino (2013), por se tratar de uma descrição analítica da prova do ENEM, ao se pensar no item e na rede de implícitos que o circunda a ser identificada e recuperada, relacionando texto-base, enunciado e alternativas.

Além disso, é necessário esclarecer objetivos e procedimentos técnicos conforme as definições metodológicas de Severino (2013). Quanto aos objetivos, tem-se uma pesquisa explicativa, que, pautada em interpretações qualitativas, visa analisar causas, ou seja, no contexto desta investigação, a estrutura do enunciado no item reflete situações-problema que vêm do texto-base e são resolvidas de acordo com redes de implícitos formadas durante a leitura, as quais para serem constituídas dependem de níveis diferentes de conhecimento por parte do candidato.

Já quanto às técnicas, trata-se de uma pesquisa documental, visto que a organização da pesquisa se deu com base em itens da prova de Linguagens e Códigos e suas Tecnologias do ENEM 2022 (última edição). Os enunciados dos itens, conforme Severino (2013), representaram a forma de registro escolhida para a realização da análise.

Diante desse cenário, tratando-se do corpus, os itens do Exame Nacional do Ensino Médio foram escolhidos, por constituírem a prova como uma avaliação de larga escala no país. O critério para a escolha das questões foi, inicialmente, a área de linguagens e códigos e suas tecnologias, em virtude da área de conhecimento na pesquisa e do baixo rendimento dos estudantes nesse campo de conhecimento. Além disso, dentre as questões dessa área, foram escolhidas as que possuíam textos da esfera jornalística, os quais exigem níveis de proficiência leitora, e que integravam áreas de conhecimento, conforme a base interdisciplinar em que a prova se pauta, sendo, além de uma estratégia para a delimitação do corpus, uma oportunidade de conhecer um estilo de

questões muito recorrente na prova.

Da edição escolhida, foi selecionado um dos cadernos de questões, de uma quantidade de quatro cadernos. Embora existam quatro cadernos e cada um deles seja marcado por uma cor, as questões permanecem as mesmas, mudando apenas a ordem de apresentação delas no caderno para uma melhor organização da prova. Das 45 questões de linguagens, foram selecionadas seis (6) de acordo com os critérios mencionados, sem levar em consideração as questões de língua estrangeira. Para isso, é importante observar o quadro abaixo, que visa organizar o processo de delimitação do corpus:

Quadro 02: Processo de delimitação do corpus

Tipo de item	Quantidade
Itens de Língua Estrangeira	05 (em ambas as áreas - Inglês e Espanhol, escolha a critério do estudante).
Itens com textos de esfera jornalística	14 (sendo 06 os itens utilizados na pesquisa dentro dos critérios de delimitação).
Demais itens	26
Total	45

Fonte: elaborado pelo autor

Os 06 itens selecionados para o estudo possuem textos jornalísticos como texto-base dos itens. A escolha de itens com gêneros de esfera jornalística se deu pelo fato de esses textos necessitarem de ampla utilização de conhecimentos prévios por parte do leitor no contexto do ENEM, quando comparados aos textos dos outros itens, além de que alguns itens possuem apenas trechos de textos ou, ainda, trechos adaptados. Como a proposta de se trabalhar com redes de implícitos relaciona-se à necessidade de o candidato-leitor utilizar os seus conhecimentos prévios no processo de resolução do item, foi mais pertinente selecionar itens com textos da esfera jornalística.

A análise dos itens se deu de forma descritiva, partindo desde a competência do item na prova do ENEM, o gênero do texto presente no item, a área de conhecimento em destaque, as marcas de implicitude presentes, as inferências necessárias no todo do item, as pistas e dicas presentes, até as alternativas do item.

Dessa maneira, os resultados validam o trabalho do candidato do ENEM quando se observa a recuperação de informações implícitas feita através de processos inferenciais diante dos enunciados dos itens. Isso promove a reflexão de que essa tarefa deve acontecer não apenas em exames como o

ENEM, mas nas diversas atividades que envolvem o texto e a construção de sentidos.

4. Análise de dados e discussão

Figura 02: Item 01

QUESTÃO 19

Procedimentos antilêdo, empurrões-empurrões, agressões, vandalismo e até furto a um torcedor que estava caído no asfalto após ter atropelado nas imediações do estádio do Maracanã. As cenas de selvageria tiveram como cenário a invasão de milhares de torcedores sem ingresso, que furaram o bloqueio policial e transformaram o estádio em terra de ninguém. Um reflexo não só do quadro de insegurança que assola o Rio de Janeiro, mas também de como a violência social se entrelaça pelo esporte mais popular do país. Em 2017, foram registrados 104 episódios de violência no futebol brasileiro, que resultaram em 11 mortes de torcedores. Desde 1995, quando 101 torcedores ficaram feridos a um morto durante uma batalha campal no estádio do Pacaembu, autoridades têm focado as ações de enfrentamento à violência no futebol em grupos uniformizados, alguns proibidos de frequentar estádios. Porém, a postura meramente repressiva contra torcidas organizadas é ineficaz em uma sociedade que registra mais de 61.000 homicídios por ano. "É impossível dissociar a escalada de violência no futebol do panorama de desordem pública, social, econômica e política vivida pelo país", de acordo com um doutor em sociologia do esporte.

Disponível em: <http://brasil.sbs.com.br/brasil/0,0351,1011111-1011111-1011111-1011111-1011111-1011111-1011111-1011111-1011111-1011111,00.html>

Nesse texto, a violência no futebol está caracterizada como um(a)

- 1) problema social localizado numa região do país.
- 2) desafio para as torcidas organizadas dos clubes.
- 3) reflexo da precariedade da organização social no país.
- 4) inadequação de espaço nos estádios para receber o público.
- 5) consequência da instalação dos clubes com a organização dos jogos.

Nessa questão, de número 19 correspondente ao segundo item de análise do estudo, pode-se identificar através da leitura completa, isto é, estabelecendo relação entre texto-base, comando e alternativas, e dentre as possibilidades de competências disponíveis para o exame, a exploração da competência específica de número 7, pela recorrência de pontos de vista marcados no texto, como o argumento de autoridade de um doutor em

sociologia do esporte (não identificado). Além dela, há traços da competência específica de número 4 mais uma vez, pelas referências nítidas à cultura e identidade em um contexto social específico.

Com base na leitura do trecho, considerando uma perspectiva macro como do texto-base, pode-se classificá-lo como pertencente ao gênero reportagem, que discute a violência no futebol brasileiro, publicada no jornal digital “El País – Brasil”. Conforme as estratégias do ENEM, a questão é de natureza interdisciplinar ao integrar conhecimentos, como na questão anterior, mas possui o esporte como discussão central, ou seja, há uma predominância da área de educação física como norteadora da integração de saberes. É uma questão que está mais próxima do universo dos candidatos pela popularização do esporte e pela visibilidade dada ao tema violência. Assim, poderá configurar maior facilidade para a resolução.

O item inicia com a apresentação de termos que não especificam explicitamente a temática do texto; somente na linha 11 se utiliza a expressão “violência no futebol brasileiro”. Assim, nas 10 primeiras linhas, é responsabilidade do leitor reunir os termos, formando uma rede de implícitos, até chegar ao objetivo principal do item, realizando inferências com base nesta rede que requer movimentos estratégicos do leitor para ser estabelecida.

Tal delimitação indicada acontecerá através de um jogo associativo, em que as partidas ocorrem com a conexão dos termos. Para compreender essa ideia, é importante conferir o quadro abaixo:

Quadro 03: Termos que constituem o jogo associativo da violência no futebol brasileiro

1. Pisoteamento	8. Contexto: Maracanã
2. Arrastão	9. Cenas de selvageria
3. Empurra-empurra	10. Invasão (ausência de ingresso)
4. Agressões	11. Torcedores sem ingresso
5. Vandalismo	12. Bloqueio policial
6. Furto a um torcedor	13. Violência social
7. Estádio	14. Esporte mais popular do país (cenário)

Fonte: elaborado pelos autores

As palavras e expressões elencadas no quadro introduzem o tema no texto: “violência no futebol brasileiro”. No entanto, o jogo inferencial a ser construído pelo candidato-leitor poderá confirmar a temática do texto antes mesmo de chegar à linha 11. O caminho textual construído até a linha 10 permitiu a construção do contexto situacional; tais termos e expressões promovem o reconhecimento de lacunas, ou seja, permitem ativar as informações implícitas a serem desvendadas pelo estudante, as quais precisam ser interligadas para aproximar-se da intenção do texto proposto.

A violência é reforçada por meio de dados de casos registrados sobre o problema. Ao final do texto, o posicionamento de um doutor em sociologia do esporte (não identificado), que funciona como argumento de autoridade para a reportagem, expõe um grande embate social em questão, que será essencial para a resposta do item – “o panorama de desordem pública, social, econômica e política vivida pelo país”.

Uma observação importante é que, à medida que o leitor lê o texto, torna-se perceptível a ênfase dada à violência no esporte de modo geral, isto é, os destaques iniciais do texto são relevantes até o momento em que o leitor se situa. Porém, o foco do texto não está simplesmente nos dados ou nas características do que se entende por violência no futebol, mas nas causas desse problema, que podem ser indiciadas no início, com termos e expressões que antecedem os argumentos finais.

Nesse âmbito, o comando da questão delimita o objetivo do item – perceber o que caracteriza a violência no futebol. Essa delimitação funciona como uma dica textual dada pelo interlocutor (Dascal, 2006), que situa e direciona o leitor para o que está sendo solicitado no item. Para o reconhecimento de pistas textuais (Dascal, 2006) como auxílio para a desconsideração de alternativas não pertinentes, o que é chamado de pistas reversas, como mencionado anteriormente, as alternativas do item serão analisadas, identificando as que se distanciam do objetivo.

Quadro 04: Análise das alternativas do item 01

Alternativas	Discussões
a) problema social localizado numa região do país.	Embora seja realmente um problema social, a dimensão é gigantesca, não se restringindo apenas a uma região específica do país.
b) desafio para as torcidas organizadas dos clubes.	Verifica-se que não se considera essa realidade das torcidas como um "desafio", mas trata-se da imprudência humana, de não respeitar regras e construir uma convivência pacata.
c) reflexo da precariedade da organização social no país.	Esta é a alternativa mais próxima da expectativa gerada no item, conforme conhecimentos compartilhados. O argumento de autoridade presente no fim do trecho da reportagem revela essa precariedade social desvelada na alternativa - "panorama de desordem pública, social, econômica e política vivida pelo país".
d) inadequação de espaço nos estádios para receber o público.	Mesmo que essa inadequação do espaço exista, o foco do texto e a ênfase do comando do item não se voltam para aspectos estruturais, mas para a ação das pessoas; o comportamento.
e) consequência da insatisfação dos clubes com a organização dos jogos.	A insatisfação dos clubes já vem de uma cultura de desordem. A organização não deve ser motivo de revolta; na verdade, é através dela que comportamentos violentos podem ser evitados.

Fonte: elaborado pelo autor

Vê-se, portanto, que a articulação texto-base, comando e alternativas é uma estratégia essencial ao candidato; é preciso que se faça a leitura compreensiva de cada alternativa, observando as marcas e estabelecendo as associações necessárias.

Figura 03: Item 02

QUESTÃO 25

A conquista da medalha de prata por Rayssa Leal, no skate street nos Jogos Olímpicos, é exemplo da representatividade feminina no esporte, avisa a âncora do jornal da rede de televisão da CNN. A apresentadora, que também anda de skate, celebrou a vitória da brasileira, que entrou para a história como a atleta mais nova a subir num pódio defendendo o Brasil. “Essa representatividade do esporte nos Jogos faz pensarmos que não temos que ficar nos encaixando em nenhum lugar. Posso gostar de passar notícia e, mesmo assim, gostar de skate, subir montanha, mergulhar, andar de bike, fazer yoga. Temos que parar de ficar enquadrando as pessoas dentro de regras. A gente vive num padrão no qual a menina ganha bonica, mas por que também não fazer um esporte de aventura? Por que o homem pode se machucar, cair de joelhos, e a menina tem que estar sempre lindinha dentro de um padrão? Acabamos limitando os talentos das pessoas”, afirmou a jornalista, sobre a prática do skate por mulheres.

Disponível em: www.cnnbrasil.com.br/brasil/2021/08/07/questao-25

O discurso da jornalista traz questionamentos sobre a relação da conquista da skatista com a

- A conciliação do jornalismo com a prática do skate.
- B inserção das mulheres na modalidade skate street.
- C desconstrução da noção do skate como modalidade masculina.
- D vanguarda de ser a atleta mais jovem a subir no pódio olímpico.
- E conquista de medalha nos Jogos Olímpicos de Tóquio.

A questão 25 do exame corresponderá ao quarto item analisado neste estudo. Nessa questão, continuam como foco de exploração as competências específicas 7 e 4 da prova de linguagens do ENEM. O que marca a recorrência dessas competências é a manifestação de pontos de vista dentro do texto em associação com arte, cultura e identidade.

Com o foco da pesquisa em textos jornalísticos, esse item apresenta uma notícia veiculada no jornal digital “CNN Brasil”. Tal item possui as áreas de educação física e arte integradas, focalizando as múltiplas linguagens, nesse caso os diferentes esportes, e os estigmas atrelados às práticas esportivas e questões de gênero.

Convém enfatizar implicitudes que constituem o item em sua totalidade. Os termos “medalha de prata”, “Rayssa Leal”, “Skate street” e “jogos olímpicos” são marcas linguísticas que formam uma cadeia semântica,

em que “medalha de prata” dá início à identificação de informação implícita e “Jogos olímpicos” “finaliza” a cadeia, explicitando o cenário do texto. No quadro abaixo, as cores representam o grau de explicitude das informações, sendo as cores mais frias indicadores de maior implicitude, e as cores mais quentes indicadores de menor implicitude.

Quadro 05: Grau de explicitude dos termos do texto-base do item 02



O conjunto de termos citado reforça a questão central do texto, focalizada em seguida: a representatividade feminina no esporte. Os posicionamentos marcados se referem à opinião da âncora do jornal da CNN, e o texto continua a ser marcado pela opinião da apresentadora. Nesse contexto, os implícitos permanecem, já que alguns marcadores de pressuposição demonstram posicionamentos que antecedem o ponto de vista da jornalista (não identificada), como a informação adicional “que também anda de skate”. Essa informação pressupõe a possível manifestação da âncora, que é colocada em seguida.

Na leitura do item, o candidato confirma a visão do ponto de vista da jornalista, construída através de movimentos inferenciais pautados nos pressupostos anteriores. Isso acontece quando o trecho “não temos que ficar nos encaixando em nenhum lugar” aparece no texto. Essa noção de “encaixe” já funciona, na sequência, como uma pista textual indireta, em que a apresentadora utiliza a pista antes de qualquer questionamento direcionado a ela, para justificar o seu discurso, no trecho “posso gostar de passar notícia e, mesmo assim, gostar de skate, subir montanha, mergulhar, andar de bike, fazer yoga”.

As perguntas feitas logo após, sem espaço para resposta, servem para gerar um efeito reflexivo no leitor/interlocutor, as quais finalizam a afirmação da âncora do jornal. O leitor, utilizando estratégias inferenciais, identificará qual a visão de mundo da apresentadora e como ela reconhece o lugar da mulher em quaisquer ambientes. Assim, essa identificação será fundamental para responder à questão.

No comando do item, é explícita a necessidade de atentar-se para a relação entre a conquista de Rayssa Leal e o discurso da jornalista, ou seja, essa explicitude funciona como dica textual para o leitor, no sentido de filtrar os principais pontos do texto que possuem pertinência para a resolução

da questão. Logo, na intenção de aplicar as observações vistas até aqui, é necessário partir para a análise das alternativas.

Quadro 06: Análise das alternativas do item 02

Alternativas	Discussões
a) conciliação do jornalismo com a prática do skate.	Por mais que a jornalista trabalhe nessa profissão e também ande de skate, o foco do texto não está nessa conciliação de práticas: a informação foi apenas adicional.
b) inserção das mulheres na modalidade skate street.	A inserção das mulheres no esporte, segundo o texto, não deve acontecer apenas nessa modalidade, mas no geral. Por isso, a ênfase da jornalista em diversas modalidades esportivas.
c) desconstrução da noção do skate como modalidade masculina.	Esta é a alternativa mais próxima da expectativa gerada no item, conforme conhecimentos compartilhados. Essa desconstrução é marcada pelos argumentos colocados pela apresentadora através da conquista de Rayssa Leal, e as perguntas de efeito feitas por ela garantem essa constatação, que é inferencial.
d) vanguarda de ser a atleta mais jovem a subir no pódio olímpico.	Essa informação não é apresentada como decisiva para os argumentos da jornalista. O fato de a jovem skatista ter entrado para a história serviu, na verdade, para fortalecer o ponto de vista apresentado no sentido de defesa/apoio da representatividade feminina no esporte.
e) conquista de medalha nos Jogos Olímpicos de Tóquio.	Conquistar a medalha foi um fato que apenas introduziu a notícia, e não há relação com a solicitação feita no comando da questão, direcionada para "o discurso da jornalista". Assim, essa alternativa funcionou como pista textual reversa; impertinente para a resposta, ou seja, descartável.

Fonte: elaborado pelo autor.

Inicialmente, com a observação do item, o leitor se encontra diante de uma situação contrária à do item 02 (Questão 19 - caderno azul), pois o esporte focalizado na questão aparece explicitamente na linha 2 do texto. No entanto, por se tratar de um esporte, de certo modo, pouco conhecido na realidade brasileira, quando comparado com o futebol e o vôlei, por exemplo, o leitor lida com uma sequência de termos que organizam ao longo da leitura um caminho propício para o reconhecimento do propósito comunicativo e para o entendimento do que envolve, diretamente, o esporte mencionado:

Quadro 07: Termos associados ao *mountainboard*

1. Esporte de aventura
2. Skate <i>off-road</i>
3. Snowboard
4. Surf
5. Skate

Fonte: elaborado pelo autor

Em continuidade à identificação de redes de implícitos, o trecho voltado para a história oficial do esporte: “foi criado por praticantes de snowboard que sentiam falta de praticar o esporte nos períodos sem neve” é essencial na escolha de uma alternativa dentre as possibilidades apresentadas ao candidato. A justificativa dessa afirmação está nas informações implícitas no trecho, as quais são, em parte, explicitadas na alternativa considerada correta.

Na sequência, o fim do texto traz uma última contribuição para ser correlacionada à inferência realizada sobre a criação do esporte. Ao se referir aos diferentes tipos de terreno (grama, terra, pedras, asfalto, areia ou mesmo buscar pelas próprias trilhas), identifica-se a comprovação final do que se espera como resposta do item, quando o leitor se atenta para o comando: a característica marcante do mountainboard.

Nesse sentido, nos dois momentos em que o texto enfatiza a criação e a configuração do esporte em lugares distintos, fica reconhecida a recorrência de dicas textuais (Dascal, 2006) listadas pelo autor, a fim de esclarecer as informações para o interlocutor. Entretanto, além de funcionarem como esclarecimentos, funcionam também como fontes inferenciais fundamentais para a eliminação de alternativas distantes daquilo que o comando solicita. Por isso, a necessidade de analisar as alternativas.

Quadro 08: Análise das alternativas do item 03

Alternativas	Discussões
a) competitividade entre seus praticantes.	Em nenhum momento, o texto discute critérios de competitividade na prática do <i>mountainboard</i> , embora o item trate de um esporte. O foco está na caracterização da prática dessa atividade.
b) atividade com padrões técnicos definidos.	A inferência produzida no trecho associado à criação do esporte elimina essa alternativa, pois foi justamente por uma necessidade de flexibilização que o esporte surgiu.
c) modalidade com regras predeterminadas.	A aplicação dessa alternativa se assemelha à aplicação da alternativa "a". O texto não aborda as regras do esporte. Mesmo que abordasse, "regras predeterminadas" não seria uma expressão tão propícia, já que o esporte é adaptado em diferentes realidades.
d) criatividade para adaptações a novos espaços.	Esta é a alternativa mais próxima do processo inferencial construído no item. Se adaptar a novos espaços é justamente a intenção do esporte, pela ausência de neve em alguns momentos do ano. Além da condição climática, outras regiões de diferentes tipos de terreno também podem ter espaço para o <i>mountainboard</i>, pela sua adaptação, o que corresponde ao critério da "criatividade", presente na alternativa.
e) necessidade de espaços definidos para a sua realização.	Essa alternativa é totalmente contrária ao propósito do texto e do próprio surgimento do esporte. Se fosse necessário definir espaços, o <i>mountainboard</i> não teria surgido, e apenas o <i>snowboard</i> seria praticado.

Fonte: elaborada pelo autor

Figura 05: Item 04

QUESTÃO 45

O Recife fervilhava no começo da década de 1990, e os artistas trabalhavam para resgatar o prestígio da cultura pernambucana. Era preciso se inspirar, literalmente, nas raízes sobre as quais a cidade se construiu. Foi aí que, em 1992, com a publicação de um manifesto escrito pelo músico e jornalista Fred Zero Quatro, da banda Mundo Livre S/A, nasceu o manguebeat. O nome vem de "mangue", vegetação típica da região, e "beat", para representar as batidas e as influências musicais que o movimento abraçava a partir dali. Era a hora e a vez de os caranguejos — aos quais os músicos recifenses gostavam de se comparar — mostrarem as caras: o maracatu e suas alfaías se misturaram com as batidas do hip-hop; as guitarras do rock, elementos eletrônicos e o sotaque recifense de Chico Science. A busca pelo novo rendeu uma perspectiva diferente do Brasil ao olhar para o Recife. A cidade deixou de ser o lugar apenas do frevo e do carnaval, transformando-se na ebulição musical que continua a acontecer mesmo após os 25 anos do lançamento do primeiro disco da Nação Zumbi. *Da lama ao caos*.

TORONTO, C. M. H. O mangue beat do Recife. *Revista Esquinas*, v. 37, set. 2015 (online).

Chico Science foi fundamental para a renovação da música pernambucana, fato que se deu pela

- ➊ utilização de aparelhos musicais eletrônicos em lugar dos instrumentos tradicionais;
- ➋ ocupação de espaços da natureza local para a produção de eventos musicais memoráveis;
- ➌ substituição de antigas práticas musicais, como o frevo, por melodias e harmonias inovadoras;
- ➍ recuperação de composições tradicionais folclóricas e sua apresentação em grandes festivais;
- ➎ integração de referenciais culturais de diferentes origens, criando uma nova combinação estética.

Como último item analisado, tem-se a questão 45 do exame. Diante dela, evidencia-se que é a competência específica de número 4 que está sendo avaliada, em razão de a discussão ser pautada em assuntos como arte, cultura e identidade. Há uma reflexão sobre aspectos históricos e culturais de Recife, a qual não abandona a valorização da origem do povo que vive nesse lugar. O texto-base que compõe a questão é uma reportagem, publicada na “Revista Esquinas”, veiculada no âmbito digital.

Com base na área de conhecimento, destacam-se a arte, nesse contexto

de música, a cultura, as festas populares e os ritmos. No entanto, é a arte como área que direciona a reflexão crítica sobre a origem de um povo, de um lugar e de um ritmo – a interdisciplinaridade onipresente.

Nessa perspectiva, é basilar discutir a manutenção/recorrência de implícitos encapsulados em palavras-chave, por meio das quais é possível acessar conteúdos que constituem as redes de implícitos que precisam ser acionadas pelo aluno-leitor, através de processos inferenciais necessários à compreensão e, conseqüente, à resolução do item.

O texto aborda o mangubeat, termo que aparece apenas na linha 7 do texto e que não é bem definido. Desse modo, é importante identificar termos que permitam associação semântica, o que é reconhecido neste estudo como palavras-chave, e, a partir disso, colaborar para o reconhecimento de conteúdos implícitos a serem recuperados pelo leitor levando em conta o contexto situacional, isto é, a situação descrita pelo texto.

Enumerou-se, aqui, em formato de quadro, para constituir o jogo inferencial necessário (é um ritmo? uma dança? um grupo? a leitura desvelará).

Quadro 09

Termos que constituem o jogo inferencial do mangubeat	
1. Recife	6. Banda
2. Década de 1990	7. Vegetação típica
3. Artistas	8. Batidas
4. O prestígio da cultura pernambucana	9. Influências musicais
5. Músico e jornalista Fred Zero Quatro	10. Movimento

Fonte: elaborado pelo autor

Com esse quadro, percebe-se que o texto não diz, explicitamente, que o mangubeat é uma nova combinação estética musical, a qual mescla ritmos; no entanto, o que definirá a identificação desse conceito é o processo inferencial realizado pelo leitor diante da reunião de todos os termos e expressões linguísticas destacadas no quadro.

A mescla de ritmos é um implícito no texto. O trecho “o maracatu e suas alfaias se misturaram com as batidas do hip-hop, as guitarras do rock, elementos eletrônicos e o sotaque recifense de Chico Science” permite a

identificação da referência para “mescla de ritmos”. Outra informação implícita é “Chico Science”, que não é identificado, mas, pressupostamente, o leitor fará inferências e associará o ato de cantar à expressão “sotaque recifense”, que funciona como marca linguística âncora para a construção de sentidos.

Além disso, o fim do texto ressalta o lançamento do primeiro disco da “Nação Zumbi”, que não é identificada como banda. Em uma atividade inferencial constante, o leitor poderá reconhecer que Chico Science foi um “cantor” e vocalista da “banda” Nação Zumbi – informações não ditas, mas inferidas.

Após a leitura do texto, o enunciado da questão apresenta a necessidade de reconhecer um implícito decisivo – Chico Science. O enunciado trata da importância que o cantor teve na renovação da música pernambucana e pede o motivo de tal renovação, sendo uma dica textual valiosa para a resolução do item. Por outro lado, ao pensar nas pistas textuais, o próprio texto apresenta algumas indiretamente, quando trata da mescla de ritmos, nas quais o desvelamento delas dependerá do leitor.

Assim, analisando as alternativas, será possível identificar o motivo da renovação realizada por Chico Science, no que diz respeito ao manguebeat.

Quadro 10: Análise das alternativas do item 04

Alternativas	Discussões
a) utilização de aparelhos musicais eletrônicos em lugar dos instrumentos tradicionais.	Essa alternativa contraria o maior objetivo do mangubeat. De acordo com o texto, os instrumentos tradicionais não são abandonados por aparelhos musicais eletrônicos, mas sim integrados.
b) ocupação de espaços da natureza local para a produção de eventos musicais memoráveis.	Não houve ocupação da natureza. O texto esclarece que a vegetação dos mangues serviu de "inspiração", em que até mesmo os músicos faziam alusão aos caranguejos, de modo comparativo. Fazer esse tipo de inferência seria uma atitude contraditória, tendo em vista a explicitude dessas informações no texto.
c) substituição de antigas práticas musicais, como o frevo, por melodias e harmonias inovadoras.	A expressão "ebulição musical" desconstrói a ideia dessa alternativa, pois a tradição não foi substituída ou desvalorizada. A intenção era integrar ritmos e, ao mesmo tempo, inovar.
d) recuperação de composições tradicionais folclóricas e sua apresentação em grandes festivais.	O mangubeat não foi criado para recuperar, recriar ou recompor. São criações novas, baseadas no "novo", como diz no texto; e o novo é justamente a mescla de ritmos da cultura local.
e) integração de referenciais culturais de diferentes origens, criando uma nova combinação estética.	Essa é a alternativa mais próxima do processo inferencial construído no item. O maior objetivo da reportagem era apresentar a integração cultural proporcionada pelo ritmo, em que as diferentes batidas formariam uma novidade no contexto musical e, como o texto afirma, inovariam a cultura musical recifense.

Fonte: elaborada pelo autor

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados concretizam a formação de redes de implícitos conforme o percurso de um caminho inferencial. A estratégia de analisar cada alternativa é uma possibilidade de compreender não apenas a alternativa considerada correta, mas há oportunidade de entendimento sobre o fundamento de cada proposição, permitindo inferir motivos pelos quais tais alternativas

pudessem ser selecionadas.

É importante frisar, ainda, a “permissão” mencionada, pois não há definição concreta/exata de que os caminhos inferenciais para as alternativas funcionem, exatamente, da maneira apresentada. Isso porque o trabalho cognitivo é individual e, certamente, implícito, por se concentrar na mente do candidato-leitor.

Uma observação importante identificada em todos os itens analisados é a recorrência de textos recortados nos itens. Os textos não são apresentados nas questões no formato original e completo, além disso há casos de textos adaptados. É evidente que, para o autor do item, o trecho mencionado poderia ser o de maior pertinência para o objetivo, ou a própria estrutura da prova pede a adaptação constante dos textos, no entanto essa estratégia pode deflagrar problemas e incentivar o comprometimento da interpretação dos alunos.

Nesse contexto, é essencial frisar que não há, aqui, uma acusação direta de que esse é o motivo de os alunos errarem os itens – essa afirmação é precipitada e descabida, com relação aos vários aspectos analisados no percurso da pesquisa. O apontamento desse fator é apenas uma ressalva a ser observada com relação à recorrência, efeitos e desdobramentos futuros.

Junto a essa constatação, destaca-se a amplitude do estudo discutido, o qual teve boa abrangência, mas que permite, ainda, outros pontos de vista a serem constatados para o preenchimento de outras lacunas. Nesse meandro, o movimento inferencial ligado a fenômenos psicolinguísticos, de modo mais específico e profundo, sem abandonar as relações pragmáticas no que diz respeito ao olhar atento às informações implícitas é uma hipótese a ser considerada, a qual merece continuidade.

Depois de analisar todos os itens desse estudo, observa-se que o olhar para as redes de implícitos é uma tarefa necessária tanto na resolução de questões do ENEM como em diversas atividades que envolvem textos. A ALE é uma forma de avaliação específica que possui seus objetivos próprios, como a prova do ENEM; mas, a forma como o trabalho com o texto aparece nas diferentes ALEs não deveria ter diferenças acentuadas ao relacionar esse tipo de avaliação com a prática recorrente na sala de aula.

O aluno adquire experiências efetivas de leitura, isto é, consegue ler informações explícitas e implícitas, quando está em contato constante com ela. Com isso, não deveria haver distanciamento entre uma experiência cotidiana e outra de larga escala se ambas partem do texto. É, portanto, na atenção à identificação de informações, sejam elas implícitas ou não, que deve estar o foco ao se trabalhar com o texto na sala de aula, tendo em vista as análises desenvolvidas e apresentadas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, D. L. **Enunciado de atividades e tarefas escolares - modos de fazer**. São Paulo: Parábola, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de Elaboração e Revisão de Itens**. Brasília, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- COSCARELLI, C. V. Reflexões sobre as inferências. **Anais do VI CBLA - Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada**. Faculdade de Letras da UFMG, CD Rom, 2002.
- DASCAL, M. A relevância do mal-entendido. **Cadernos de estudos linguísticos**, Unicamp, n. 11, p. 199-217, 1986.
- DASCAL, M. **Compreensão e interpretação**. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2006.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.
- GOMES, V. A. Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola (Resenha). KLEIMAN, A. B.; MORAES, S. E. Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola. **Olhares e trilhas**, Uberlândia, Ano VI, n. 6, p. 113-116, 2005.
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): fundamentação teórico-metodológica**. Brasília: O Instituto, 2005.
- KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Parábola, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. Compreensão textual como trabalho criativo. *In: Caderno de formação: formação de professores didática dos conteúdos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 89-103.
- MATIAS, M. C. S. **Análise ostensivo-inferencial de questões das edições 1998 e 2014 do ENEM**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Universidade do Sul de Santa Catarina. 2016.
- PAIVA, C. M. G. **Itens de prova do Enem: cognição e ação à luz da linguística sistêmico-funcional**. 2014. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SUDBRACK, E. M.; COCCO, E. M. Avaliação em larga escala no Brasil: potencial indutor de qualidade? **Roteiro**, Joaçaba, v. 39, n. 2, p. 347-370, jul./dez. 2014.

ZIRONDI, M. I.; NASCIMENTO, E. L. Os Enunciados de Comando da Prova do ENEM e sua Relação com Competências e Capacidades para a Resolução de Situações-Problema. **Signum**, Londrina, v. 2, n. 9, p. 289-315, 2006.

UM PASSEIO MÍSTICO BIOGRÁFICO DE ALEISTER CROWLEY EM PROMETHEA, DE ALAN MOORE E J. H. WILLIAM III

Nataniel dos Santos Gomes¹

Suellen Cordovil da Silva²

RESUMO

Promethea, de Alan Moore e J.H. William III, apresenta algumas relações com o místico Aleister Crowley. Nosso objetivo geral é investigar as referências de Crowley e suas relações históricas, religiosas e filosóficas em *Promethea*. Dessa forma pretende-se conhecer a vida e obra de Crowley que são exploradas nos quadrinhos em questão. Analisa-se, no ponto 12 da *graphic novel*, a qual apresenta um caminho biográfico de Crowley em conversa com a jornada da protagonista Promethea. Estabelecem-se as relações com a vida do autor com uma discussão sobre religião e filosofias apontadas pelo místico, na arte dos quadrinhos, com o roteiro de Alan Moore. Nesse artigo são brevemente descritos os autores analisados: Aleister Crowley e Alan Moore. Em seguida, é discutido o contexto dos estudos dos quadrinhos, com especial atenção à obra *Promethea*, que será analisada. O foco principal é evidenciar a narrativa em quadrinhos como um meio de compreender o caminho místico biográfico de Aleister Crowley, reimaginado por Alan Moore, juntamente em diálogo com a jornada de Promethea por meio do Tarô.

Palavras-chave: Alan Moore. Aleister Crowley. Promethea.

A MYSTICAL TOUR BIOGRAPHICAL OF ALEISTER CROWLEY IN PROMETHEA, BY ALAN MOORE

ABSTRACT

Promethea, by Alan Moore and J. H. William III, presents some relationships with the mystic Aleister Crowley. Our general objective is to investigate Crowley's references and their historical, religious and philosophical relationships in *Promethea*. In this way, we intend to learn more about Crowley's

1- Pós-doutor em Língua Portuguesa (UERJ), Doutor em Linguística (UFRJ), professor da graduação e pós-graduação (UEMS), líder do Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos (NuPeQ) e membro da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS). E-mail: nataniel@uems.br

2- Pós-doutora em Letras (UEMS), Doutora em Letras (UFSM), professora da graduação (Unifesspa). E-mail: suellen@unifesspa.edu.br

life and work, which are explored in the comics in question. It is analyzed, in point 12 of the graphic novel, which presents a biographical path of Crowley in conversation with the journey of the protagonist Promethea. Relationships with the author's life are established with a discussion about religion and philosophies pointed out by the mystic, in the art of comics, with the script by Alan Moore. This article briefly describes the authors analyzed: Aleister Crowley and Alan Moore. Next, the context of comics studies is discussed, with special attention to the work Promethea, which will be analyzed. The main focus is to highlight the comic narrative as a means of understanding the biographical mystical path of Aleister Crowley, reimagined by Alan Moore, together in dialogue with Promethea's journey through the Tarot.

Keywords: Alan Moore. Aleister Crowley. Promethea.

INTRODUÇÃO

A *graphic novel Promethea*, de Alan Moore e Williams III, apresenta diversas referências ao místico Aleister Crowley. A obra em questão apresenta pontos de contato com Crowley. Por essa razão surgiram os seguintes questionamentos: Quais são os possíveis diálogos biográficos que *Promethea*, de Alan Moore e J.H. Williams III, estabelece com Aleister Crowley? Como analisar as referências de Crowley no número 12 de *Promethea*?

Dessa forma, a partir de uma perspectiva ensaística, analisa-se *Promethea* em relação com a vida mística-religiosa de Aleister Crowley, pois, na narrativa encontra-se em torno de 155 referências ao místico. A obra faz uma recriação da vida de Aleister Crowley. Assim, as relações comparativas da vida de Crowley visualizadas nos quadrinhos ajuda-nos a interpretarmos melhor as páginas do ponto 12.

Depois, o nosso estudo baseia-se em trabalhos acadêmicos sobre quadrinhos, como *The system of comics*, de Thierry Groensteen, *Estrutura narrativa nos quadrinhos*, de Barbara Postema, e *A linguagem dos quadrinhos*, de Daniele Barbieri, dentre outros. Desse modo, analisar os quadrinhos e suas interfaces com a biografia de Crowley é uma forma de interpretar a aventura da personagem Promethea. Essas relações são importantes para obtermos novos olhares da visão mística e histórica de Alan Moore em *Promethea*.

Depois, destaca-se alguns apontamentos relacionados aos estudos em quadrinhos e uma breve apresentação de *Promethea*. Descreve-se o número 12 de Promethea e analisamos os pontos de contato da obra com a vida de Crowley. Utiliza-se algumas análises comparativas com a história e biografia de Crowley que foram recriadas na obra.

ESTUDOS DOS QUADRINHOS

As histórias em quadrinhos apresentam pontos que precisam ser discutidos ao longo da análise do trabalho, principalmente o estudo da estética dos quadrinhos como um veículo de expressão criativa, que desenvolve as imagens e as palavras. As histórias em quadrinhos são uma forma de linguagem e podem ser vistas como um processo de “solidariedade icônica” conforme Groensteen (2015).

Dessa forma, a questão de sucesso ou fracasso deste processo metodológico de comunicabilidade depende da crítica do leitor, que avalia o significado e reconhece um certo impacto visual diante das leituras das imagens com o texto, “a competência da representação e a universalidade da forma escolhidas são cruciais. O estilo e a adequação da técnica são acessórios da imagem e do que ela está tentando dizer.”³

Eisner (2005) apresenta o *layout* da página de história em quadrinhos como uma forma de carregar uma técnica de desenho e cores que chamam a atenção dos leitores, assim como a relação de interação da obra com o leitor por meio das imagens. Ele trata do processo de contar histórias e menciona o processo de interação do leitor com os quadrinhos que é uma extensão dos quadrinhos:

No caso do texto, o ato de ler envolve uma conversão de palavras em imagens. Os quadrinhos aceleram esse processo fornecendo as imagens. Quando executados de maneira apropriada, eles vão além da conversão e da velocidade e tornam-se uma só coisa. Em todos os sentidos, essa forma de leitura recebe erroneamente o nome literatura apenas porque as imagens são empregadas como linguagem. Existe uma relação facilmente reconhecível com a iconografia e os pictogramas da escrita oriental.⁴

De acordo com Eisner (2005), existem três diferenças neste processo de leitura das narrativas gráficas, a saber: “uma descrição genérica de qualquer narração que usa imagens para transmitir ideias. Os filmes e as histórias se encaixam na categoria das narrativas gráficas”, enquanto que os quadrinhos são “a disposição impressa de arte e balões em sequência, particularmente, como é feito nas revistas em quadrinhos”⁵ e a arte sequencial, por sua vez, configura-se como uma série de imagens dispostas em sequência.

3- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 14.

4- EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2005. p. 9.

5- EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2005, p.10.

No processo de desenvolver os quadrinhos dos artistas, de acordo com McCloud, observamos a utilização do momento, enquadramento, imagens, palavras e o fluxo da história ou imagens justapostas. Isso pode ser uma combinação com efeitos, por isso é considerada uma espécie de ilusão visual. McCloud (1995) argumenta que conhecemos o nosso redor por meio das experiências vividas pelos nossos sentidos. Desta forma, podemos compreender um mundo fragmentado e incompleto. O autor afirma que “mesmo uma pessoa muito viajada só pode ver partes do mundo durante uma existência. Nossa percepção da ‘Realidade’ é um ato de fé baseado em meros fragmentos.”⁶ Já a perspectiva de Barbieri (2017) apresenta um entendimento de movimento na construção da narrativa gráfica.

Petersen (2011) descreve: “Narrativas gráficas muitas vezes têm uma qualidade didática na maneira como parecem moralizar sobre as ações que retratam – ou para exaltar alguma virtude ou, através de um exemplo negativo, para exibir algum comportamento desprezível.”⁷ A leitura visual foi intensificada ao longo dos anos com crescimento tecnológico dos textos que eram mais comuns para os trabalhos cotidianos. Entre 1965 e 1990 surgiu um movimento *underground* nos quadrinhos com um conteúdo “adulto”. Os temas subversivos para a época começaram a ser um desafio para os autores e artistas da nona arte.

As narrativas gráficas não descrevem apenas o mundo real, depois de uma moda; elas tendem a ser figurativas, concentrando-se especialmente em maneiras de descrever um corpo em movimento. A figura humana fornece ao leitor um veículo para empatia emocional.⁸

Groensteen desenvolve uma ideia de “solidariedade icônica” para um melhor entendimento da narrativa gráfica. Após o leitor passar por um processo de empatia diante da obra, observamos que Paths fornece um meio para o leitor classificar as informações complexas da composição em uma hierarquia significativa de importância relativa. Os

6- **Desvendando os quadrinhos.** Trad. Hécio de Carvalho, Maria do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995, p. 62.

7- Graphic narratives often have a didactic quality in the way they seem to moralize about the actions they depict—either to extol some virtue or, through a negative example, to display some contemptible behavior. (Tradução nossa.) PETERSEN, Robert S. **Comics, Manga, and Graphic Novels.** A History of Graphic Narratives. Praeger: California, 2011. p. 16.

8- The real world, after a fashion; they tend to be figurative, focusing especially on ways of describing a body in motion. The human figure provides the reader with a vehicle for emotional empathy. (Tradução nossa.) PETERSEN, Robert S. **Comics, Manga, and Graphic Novels.** A History of Graphic Narratives. Praeger: California, 2011. p. 17.

artistas usam essas estratégias da mesma forma que um mágico usa truques para direcionar os olhos do espectador para criar uma ilusão.⁹

A seguir apresentaremos *Promethea*, antes de entrarmos na análise propriamente dita.

PROMETHEA

Promethea foi uma saga em quadrinhos estadunidense, roteirizada por Moore, desenhada por J.H. Williams e com arte-final de Mick Gray, publicada em *American's Best Comics/Wildstorm*. A saga tem 32 revistas publicadas entre os anos de 1999 e 2005. Para nosso estudo, elegemos a edição definitiva ou *Absolute edition book* publicada em 2009 em inglês, que foi traduzida para o português por Octavio Aragão e publicada pela Panini Books em 2015.

Alan Moore domina a arte da escrita em seu próprio jeito artístico. Curiosamente, aos quarenta anos assumiu ser um mago para a sua família, o que tem muita relação com as referências Crowley em *Promethea*. Essa afinidade é descrita no documentário *The Mindscape of Alan Moore*, em que ele assevera que “quando cumprimos a vontade do nosso verdadeiro eu, nós estávamos inevitavelmente cumprindo com a vontade do universo. Na magia, ambas as coisas são indistinguíveis”¹⁰, o que faz sentido já que ele compreende que um artista é como um xamã. No prefácio do livro *Alan Moore: O mago das histórias*, organizado por Gary Spencer Millidge (2012) destaca que

Um xamã é, entre outras coisas, um visionário que age em nome das pessoas, traduzindo todas as suas emoções, medos, esperanças e aspirações em palavras e imagens. O xamã empreende a jornada que os outros ou não chegaram a pensar, ou têm medo de fazer por conta própria. O xamã assume riscos, expressa ideias, conta histórias e, com frequência, compõe músicas em nome do resto de nós. Muitos acreditam que nossos poetas funcionam como xamãs, mas eu acho que certos artistas populares também cumprem essa função, incluindo os melhores compositores e letristas¹¹

9- Paths provide a means for the reader to sort the complex information of the composition into a meaningful hierarchy of relative importance. Artists use these strategies just as a magician uses sleight of hand to direct the eye of the viewer to create an illusion. (Tradução nossa.) PETERSEN, Robert S. **Comics, Manga, and Graphic Novels**. A History of Graphic Narratives. Praeger: California, 2011. p. 21.

10- MOORE, Alan. **The Mindscape of Alan Moore**. Direção: Zen Vylenz, Produção: Dez Vylenz, London, 34min 2013.

11- (MILLIDGE, 2012, p. 8)

Moore reatualiza obras de outros artistas, de modo que faz menções diretas e indiretas em seus enredos oriundo de outros autores variados. Além disso, Moore estabelece um retorno ao passado histórico desses autores em seus trabalhos, de modo a reinventar o antepassado por meio dos quadrinhos. Dessa forma, *Promethea* segue de um modo didático esses retornos aos autores abordados numa construção visual e poética da linguagem, tal como pode ser observado ao longo dos diálogos.

A saga em quadrinhos trata de uma jornada da personagem Sophia Bangs em conhecer a origem e os caminhos da personagem mitológica Promethea. Dessa forma, o percurso dado por Promethea para o treinamento de Sophia que será a futura Promethea é de suma importância para a compreensão da religião em si. O caminho de Sophia Bangs apresenta uma série de aprendizados em relação à construção das relações e a construção das religiões ao longo dos tempos para a humanidade. Assim, Moore entende que a união dos princípios da vontade e da imaginação, geram a criatividade. A imaginação, a vontade pessoal e a criatividade são temas importantes nos trabalhos de Moore.

A imaginação é explanada por meio de formas didáticas de experiências místicas. Por exemplo, a cabala é uma forma de representar a composição da religião por meio dos caminhos traçados nos painéis na saga. Assim, cada número da história em quadrinho apresenta um caminho da cabala. Porém, em cada um número observamos uma fusão de religiões como uma forma de explicação para existência e o desenvolvimento da imaginação da humanidade.

Moore constrói seus enredos com *layouts* de página dupla, que era o que os ilustradores e capistas mais se identificavam na obra. O conjunto de imagens à direita de *Promethea* não são apenas desenhos aleatórios, são hieróglifos egípcios e símbolos esotéricos que contam uma história mística da jornada da heroína a qual entra em comparação com a jornada de Crowley no ponto 12.

O CAMINHO BIOGRÁFICO DE ALEISTER CROWLEY EM *PROMETHEA*

Promethea faz-se uma jornada do tarô como analogia à vida de Crowley. Promethea como Sophia Bangs entra em uma espécie de teatro mental para compreender a magia por meio das cartas do tarô. Apresenta-se uma forma de entendimento da magia com explicação do cajado da personagem com as duas cobras de nomes Mike e Mark. Esses dois personagens convidam Promethea a viajar por meio de um caminho mágico entre a Terra e o universo ou “uma

erupção estrelada”.¹²

O enredo destaca uma evolução com relação aos valores da existência em suas diversas gradações interpretativas como um oráculo por meio de cada carta do tarô. Assim, observa-se a relação da jornada da heroína com os momentos históricos de Crowley como uma espécie de homenagem ao autor. Dessa forma, nas partes do meio para baixo das páginas na narrativa no ponto 12.

Promethea tem os quadros que entram em um processo de fluidez e o leitor segue um caminho instável e não repetitivo como se normalmente é esperado pelos quadrinhos de sua época. Logo, existe uma dialética entre escritor, obra e público/leitor. Ainda sobre o processo de leitura quadrinística, existe uma conexão de múltiplas compreensões nesta interação. Por exemplo, Crowley é apresentado desde o início como feto na primeira página até o esqueleto do autor em transmutação na última página. A recriação da biografia de Crowley é apresentada nessa jornada de *Promethea*, principalmente nas construções das imagens nas páginas duplas. Baseia-se, aqui, com as interpretações de *Jung e o Tarô, uma jornada arquetípicas* (2007), de Salie Nichols.

A página 1 do ponto 12 segue um início do de vida de Crowley até a sua morte com a última página do ponto, fechando o ciclo de vida. Essa relação com o nascimento e morte em comparação com a primeira e última página sugere uma jornada ou ciclo de vida e morte. Assim, segue-se os pontos desenvolvidos da vida do mago Crowley ao longo das partes inferiores das páginas, em especial, as quais destacam-se mais diretamente com a biografia de Crowley como ocultista britânico cuja vida e obra influenciaram profundamente a magia ocidental, o misticismo e a espiritualidade do século XX.

Moore e Crowley são abertos para um emaranhado de possibilidade do ocultismo e suas reverberações em obras de artes que se entrecruzam em suas buscas espirituais ou mágicas. Desse modo, Moore revisita a biografia e a bibliografia de Crowley para recriá-las no enredo de *Promethea* de forma análoga ao percurso de *Promethea* pela jornada do tarô pela arte de J.H. William III. Logo, a biografia de Crowley serve para descobrir mais a cerca de seus trabalhos e ações que receberam críticas diversificadas e reverberadas no quadrinho em questão. Grande parte dos trabalhos de Moore pode-se encontrar referências a Crowley.

12- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 305.

Edward Alexander Crowley ou Aleister Crowley nasceu em 12 de outubro de 1875, em Leamington Spa, Warwickshire, Inglaterra. Crowley estudou na Trinity College, Cambridge de 1895 a 1898. Durante esse tempo, Crowley foca suas leituras voltadas à filosofia e à alquimia, enquanto se exercita na canoagem, no ciclismo, no montanhismo e no xadrez. Em 1898, Crowley abandonou os estudos formais. Ele retomou os estudos por volta de 1896, nesse tempo Crowley havia iniciado a leitura de alguns livros sobre magia e misticismo, como por exemplo fez a leitura de *Nuvem sobre o Santuário*, obra recomendada por A. E. Waite (1867-1940), que trata do ocultismo e da magia. Ele ainda fez parte da Ordem Hermética da Aurora Dourada, depois fundou uma doutrina ou filosofia chamada de Thelema.

Ele recebeu críticas por ser contrário às práticas morais e religiosas as quais estava cercado e era pressionado no seu contexto familiar para participar do contexto conservador da uma vertente cristã fundamentalista. Todas as fases da vida de Crowley estão recriadas na história em *Promethea*, conforme dito anteriormente.

Já o roteirista Alan Moore conquistou seu espaço no universo de escritores premiados. *Watchmen* aparece como uma obra presente na lista dos cem melhores romances eleitos pela revista *Time*. Dentre os diversos pontos sobre a vida de Moore, apresentaremos as suas leituras de Crowley visando obter alguma possibilidade de relação com seus trabalhos.

Nas páginas dos quadrinhos trazem e seguem sete momentos importantes da vida do ocultista via a jornada do tarô. O primeiro momento nos quadrinhos destacam-se os primeiros anos de Crowley. Desde jovem, ele mostrou interesse por temas esotéricos e religiosos. No segundo ponto, Moore destaca a educação e o início no ocultismo de Crowley, que estudou na Universidade de Cambridge, onde se aprofundou em filosofia, literatura e espiritualidade, conforme dito anteriormente.

Crowley viajou extensivamente pelo mundo, buscando experiências espirituais e práticas ocultas em países como Egito, Índia, México e muitos outros. Ele escreveu numerosos livros sobre magia, misticismo, religião e filosofia, incluindo obras fundamentais como *The Book of the Law* e *The Book of Thoth*. Além disso, Crowley era uma figura controversa devido a suas práticas consideradas extremas e seu estilo de vida não convencional. Ele defendia a liberdade individual e a autodeterminação espiritual, o que o levou a ser visto como um dos primeiros a adotar uma filosofia de vida verdadeiramente libertária.

Já no fim da vida, Crowley faleceu em 1º de dezembro de 1947, na Inglaterra. Após sua morte, sua influência continuou a ser sentida,

especialmente entre artistas, escritores e figuras culturais que foram inspirados por seus ensinamentos sobre espiritualidade e magia.

A capa de número 12 de *Promethea* “The magic theatre: a pop art happening” [O teatro mágico: a arte pop acontecendo] juntamente com a primeira página a seguir inicia a jornada da personagem Promethea. Nessa página inicia-se o processo de descobrimento da vida do mago Crowley e de sua aprendizagem histórica por meio dos arcanos do tarô, e os quadros trabalham numa “solidariedade icônica” conforme apontado por Groensteen (2015):

Figura 1: Capa e começo de jornada



13

Na segunda página observa-se o começo com a carta do louco. Crowley descreve o início do ocultista como um bebê, criança e adolescente, o personagem Mike afirma que “viemos de espelhos, viemos de fumaça. Aleister Crowley faz uma graça, a qual, caso seja decifrada, ouvimos dizer, fará a magia clara como o amanhecer.”¹⁴ Já a seguir o personagem de Crowley como adolescente diz “Havia dois homens dividindo um vagão de trem...” até

13- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

14- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 306.

que Promethea questiona se isso faz sentido para a linha de pensamento da jornada do tarô.

Depois o personagem Crowley é apresentado com a sua roupa ou bata preta com uma cruz vermelha no peito, destacando-se a seguir uma forma de iniciação como mago que representa a segunda carta do tarô após a carta do louco. Nessa etapa, Crowley no quadrinho diz: “Eles não se conheciam apenas viajaram juntos por acaso.”¹⁵ As cartas do louco e do mago não são semelhantes, no entanto apresentam caminhos iniciáticos de magia na mesma jornada mística, explicando conforme as páginas a seguir:

Figura 2: Crowley na infância e adolescência



16

Promethea discute a ideia do início do universo com a “imenso ejaacular de energia”.¹⁷ Porém, a carta da sacerdotisa como número dois revela a mãe da matéria em construção, uma metáfora para as forças eletromagnéticas ou o sugerindo um *big bang* mental. Crowley abaixo da carta destaca-se com um

15- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 307.

16- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

17- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 308.

vestido branco sob uma espécie de cratera e afirma: “Um dos homens tinha, descansando em seu colo, uma caixa de cartolina, com buracos na tampa.”¹⁸

A terceira carta da imperatriz traz o conceito da fertilidade e apresenta Crowley segurando uma criança que possivelmente seja a sua filha ou a sua irmã que faleceu após cinco horas, como um sinal de memória, seguindo-o, como uma onda atrás dele. O personagem Crowley nos quadrinhos diz: “Depois de algum tempo contemplando o que poderia estar dentro da bagagem de mão, o outro homem não pôde mais conter a curiosidade”,¹⁹ assim a viagem de Promethea contempla essa onda de acontecimentos do místico, comparando com a sua vida:

Figura 3: Crowley em sua iniciação e descoberta mística após a perda de sua irmã



20

Depois, a carta do imperador de número quatro apresenta uma estabilidade ou sentido de permanência entre o sol e a lua sob a Terra em paralelo com Crowley. No quadrinho, nota-se que ele está sentado não em um

18- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 308

19- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 309.

20- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

trono, mas em um barco com um terno marrom e uma gravata borboleta rosa. Relacionando com a curiosidade da outra página, Crowley afirma que “ele disse: desculpe, mas não pude deixar de perceber a sua bagagem. Por acaso ela conteria algum animal?”²¹ No caso da próxima carta, o hierofante traz uma visão de evolução dos animais na página, por isso Crowley fez a pergunta anteriormente.

Compara-se na página a seguir com a criação da Ordem Hermética da Aurora Dourada que é uma sociedade secreta que foi criada em 1888, na Inglaterra. Ela é entendida como uma vertente do esoterismo. A importância dessa ordem foi uma forma de explicar a relação da ciência com a magia para Crowley. Os processos históricos começaram a realizar essa separação da ciência e magia gradativamente. Essa Ordem Hermética tenta unir todas as filosofias a fim de compreender melhor os conceitos da existência humana.

Dessa forma, a tradição foi resgatada e mesclada com os estudos da cabala e magias cerimoniais, assim o ocultista Éliphas Lévi criou esse formato para compreender as relações das diversidades misteriosas do Universo com o Indivíduo. Os rituais da ordem em questão trazem cabala, tarô, alquimia, astrologia dentre outros elementos místicos.

Assim, na parte debaixo da página Crowley parece com um rosto jovial cercado de animais e diz “O outro homem, apesar de surpreso pela intrusão impertinente de um estranho, sorriu, cortês, ao responder...”²², dessa forma, as descobertas de Crowley em suas viagens e conquistas esportivas o fazem ver como uma “bagagem cultural”:

21- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 310.

22- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 311.

Figura 4: Crowley em seu barco e suas viagens cotidianas



23

No caso, *Promethea* revela o processo evolutivo por trás das cartas dos amantes de número seis e do carro de número sete. Ela revela que a encruzilhada dos sentimentos do homem moderno em união com mulher gerou uma nova viagem do homem moderno com o seu destino em sua carruagem. Crowley, na página, é visto deitado em um jardim nas duas páginas na primeira afirma que “ele disse: você está absolutamente certo. Existe mesmo uma criatura dentro dessa bagagem.” E depois na outra página o mago Crowley diz que “...e, ademais, posso dizer, o animal em questão é um magusto”²⁴. Isso, remete uma expressão de viajante que o mago tinha e se aproxima a construção mítica de Promethea. Assim, Crowley, na idade jovem, está cercado como um jardim florido a seguir:

23- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

24- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 312.

Figura 5: Crowley em sua juventude



25

Nessa jornada de Crowley juntamente com Promethea observa-se as páginas da carta da justiça de número oito e a do eremita de número nove. A primeira com uma mulher vendada com a balança carregando de um lado do demônio e do outro um anjo, enquanto que o eremita é um feto em formação com a sua luminária entre uma diversidade. Nessas duas páginas da viagem mística, Crowley aparece logo abaixo em uma sequência de dez quadros em uma sequência cromática do quase rosa até o lilás e depois retoma esse ciclo para a cor rosa novamente.

Crowley afirma na página da justiça que “O primeiro homem, que teria indiciado o inquerito, foi assombrado por essa revelação”²⁶ e em seguida diz

25- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.
 26- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 314.

em relação ao personagem da caverna “Crepitando de surpresa, ele solicitou mais explicações a respeito dessa com certeza provocativa revelação de seu estranho companheiro de viagem...”²⁷ No centro da página abaixo, nota-se Crowley preso na caverna e sentado em posição fetal, por trás dos quadros multicoloridos. Nas páginas a seguir verifica-se um jogo de renascimento ou reconstrução de ideias filosóficas de Crowley dando uma aparência lenticidã:

Figura 6: Jogo cromático de vida de Crowley



28

Já na representação da carta da roda da fortuna com o número 10 e o da luxúria ou força com o número 11, averigua-se uma história da civilização em mudança. Esse é um sinal de amadurecimento da identidade de Crowley com uma roupa e um fundo egípcio diz: “Um mangusto? Senhor que esperava talvez um gato, ou um coelho, não uma criatura tão exótica e remota.”²⁹ Na outra página, nota-se o berço da civilização grega de fundo e todo o seu apogeu com ideia da personagem feminina sob um leão, assim Crowley com os seus cabelos brancos, segurando o seu queixo afirma que “O animal que você

27- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 315.

28- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

29- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015.p. 316.

menciona excita minha curiosidade a tal ponto que lhe suplico, senhor, conte mais. Como o senhor está ligado a tal espécime, se me perdoa a audácia”,³⁰ com isso as culturas das civilizações antigas são de suma importância para entender alguns movimentos bruscos e violentos da humanidade:

Figura 7: Crowley e suas visões diante da civilização egípcia e grega



31

Diante desse momento, a imagem ou arcano do enforcado de número 12 do tarô de Promethea surge amarrado com um pé só de cabeça para baixo, sem esperanças inicialmente e aguardando uma situação se findar, e Crowley está cercado por uma cidade em chamas e fumaça, assim ele destaca que “o outro homem, sentado com a caixa perfurada no colo, deu de ombros, cansado, enquanto respondia.”³² Já na carta da morte de número 13, trata-se de recomeços com o uso de sua foice para colher o melhor do que foi desenvolvido metaforicamente. Crowley diz “bem, disse ele, é meio que um problema de cunho pessoal, já que diz respeito a uma tragédia de família”,³³ o

30- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 317.

31- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

32- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 318.

33- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I.

que pode estar relacionado ao seu destino com sua família em questão, no caso o divórcio com Kelly. Sua esposa destaca uma parte importante da vivência mística de Crowley.

Nessa proposta representativa, Crowley cria o seu “Livro da Lei” que propõe uma filosofia ou tratado chamado Thelema. Após muitos anos trabalhando com a Ordem, em 1904, Crowley tem um *insight* ao longo de suas viagens. Em uma lua-de-mel com a sua esposa Rose Kelly, Crowley descobre um por meio de uma conversa com sua esposa que o deus egípcio Hórus precisava do apoio de Crowley para desenvolver o seu “Livro da Lei” (*Liber Al Vel Legis*). Assim, o místico escreve esse livro que apresenta uma nova interpretação mística com liturgias e palavras mágicas para o entendimento da Era de Aquário. Com isso, as maiores leis eram “faze o que tu queres há de ser o todo da lei” e “Amor é a Lei, amor sob vontade”. A vontade era considerada o livre-arbítrio. Segundo Victor Cei no seu prefácio para *Os livros Sagrados de Thelema* (2018) afirma que:

A lei de thelema não deve ser interpretada como uma licença para a realização de qualquer capricho individual, mas como uma missão para se encontrar sua verdadeira vontade, o propósito da sua vida, permitindo que todos possam percorrer seu autêntico caminho individual.³⁴

Os Livros Sagrados de Thelema são uma união dos mais importantes livros escritos por Aleister Crowley entre 1907 e 1911. Esses textos tratam da criação da filosofia de Crowley e contrária de uma visão judaico-cristã. A obra desenvolve-se com 14 livros sagrados. As páginas a seguir demonstram pontos de esperas infundáveis e recomeços após crises:

São Paulo: Panini, 2015. p. 319.

34- CROWLEY, Aleister. **Os livros sagrados de Thelema**. Tradução Vitor Cei. São Paulo: Madras, 2018. p. 13.

Figura 8: Crowley em tempos de crises



35

Para o arcano do tarô da arte ou temperança de número 14 apresenta a comparação com a obra Mona Lisa ou A Gioconda de Leonardo da Vinci. Essa pintura descreve o período da renascença e que também reverbera no caminho de Crowley, sentado em um caixote agora como pintor, diz “Por outro lado, como sou um homem seguro, posso conferir em sua discrição, creio que posso compartilhar meu infortúnio com você.”³⁶

Na página seguinte o arcano do diabo destaca-se pelo campo do material e Crowley com o seu chapéu famoso em formato de triângulo menor e amarelo no centro deste afirma que “Veja bem, o homem prosseguiu, essa triste história diz respeito a meu irmão mais velho...”³⁷ Ao fundo verifica-se engrenagens do mundo à vapor que começa a ser evidenciado na humanidade. Aqui, explica-se o conflito que Crowley tinha entre a espiritualidade e a materialidade e ao mesmo tempo incomodava muitas pessoas. Crowley vê na arte e na magia seu impulso para viver:

35- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

36- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015.p. 320.

37- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015.p. 321.

Figura 9: Crowley, a arte e a magia



38

A torre é o arcano número 16. Consta-se uma forma de reconstrução em um processo de rigidez, assim interpreta-se Crowley, com uma aparência de senhor de mais idade e acinzentado, em sua fala que “Ele sempre foi o que, suponho, você chamaria de ovelha negra da família”.³⁹ Esses julgamentos de Crowley recebem o caminho do arcano da estrela que traz um pedido de ajuda e compreensão melhor de si, pois a carta de número dezessete destaca-se pela leveza da terra e os rios profundo do inconsciente e assim Crowley, de costas fumando e cercado por estrelas, afirma que “ele foi displicente por muitos anos com uma lista de vícios previsível e prosaica, dos quais o pior era sua predileção por espíritos fortes...”⁴⁰ Crowley reconstrói suas interpretações religiosas:

38- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

39- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 322.

40- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 323.

Figura 10: Crowley e suas visões místicas em reconstrução



41

Depois, na releitura interpretativa de vida de Crowley nas profundezas da carta da Lua de número 18 apresenta-se como um personagem cercado pelo símbolo nazista e com um chapéu vermelho afirma que “seu alcoolismo progrediu até esse ponto, pois agora ele chegou ao estágio final e melancólico do *delirium tremens*”.⁴² A seguir, tem-se a carta do sol que traz luz para o entendimento da jornada espiritual de todos. Crowley, com um rosto cabisbaixo e rodeado com um pano de fundo de uma variedade de códigos religiosos e os temas do ocultismo representado pela serpente, comenta que “Meu irmão agora vê serpente por todo lado, e é esse o motivo pelo qual carrego esse mangusto, para que ele se livre delas”,⁴³ conforme é trabalhado nas páginas:

41- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

42- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 324.

43- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 325.

Figura 11: Crowley, nazismo e a Ordem hermética



44

Na carta do julgamento de número vinte, Crowley aparece como imagem descritiva da carta em um cemitério com fantasma saindo de seus túmulos e ele pedindo silêncio com uma roupa lilás. Mike afirma que “Disse Crowley, quando não brincava, que esse aeon harpocrates evocava. O fim do mundo é regido, então, por seu cajado, harpocrates, deus do silêncio sagrado.”⁴⁵ Assim, logo abaixo na página, Crowley está deitado em sua cama cercado por símbolos de sua Ordem e diz “Desculpe-me, disse o outro homem, parecendo confuso, “mas essas cobras que seu irmão vê...não seriam imaginárias?”⁴⁶ assim as visões de Crowley deixam diversos ensinamentos e um deles é a liberdade de expressão por meio da magia individual manifestada no coletivo, explicando-se na página a seguir:

44- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

45- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 326.

46- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 327.

Figura 12: Crowley em seu leito de morte



47

No arcano do universo, de número 21, representa uma semelhança com a vida de Crowley que significa uma fase de conclusão da jornada. Assim, Crowley na parte de baixo da página passa a estar fragmentado na imagem até receber a forma de caveira sendo levada pelo vento e afirma que “... é aqui ele fez um gesto prenhe de sentidos ocultos para a caixa perfurada em seu colo... e ... é um mangusto imaginário.”⁴⁸ Na página do arcano universo, Crowley passa por uma mutação para um esqueleto humano que transmuta a ideia de estrutura do corpo humano e social como início e final de uma fase da vida da existência humana. Na última página do número 12 apresenta Crowley em seu processo de desintegração corpórea, devido a sua morte física, no entanto os seus ensinamentos são apenas o começo de uma nova jornada para Promethea:

47- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

48- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015. p. 328.

Figura 14: O final da jornada de Promethea pelo tarô e da vida de Crowley



49

Na última página conclui-se a jornada de Promethea pelos arcanos do tarô e conseqüentemente pela vida de Crowley. Assim, a imagem do místico se torna a forma de uma caveira que é levada pelo cosmos ou universo, essa parte foi baseada no esboço a lápis A.C. Dying of lady, feda Harries produzido em 30 de novembro de 1947.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procurou-se investigar a representação de Crowley em *Promethea*. Com isso, foi feita uma tentativa ensaística de compreender o percurso de Crowley, conforme recriado por Alan Moore na história em quadrinhos de *Promethea* que destaca momentos de suma relevância para a construção da figura Aleister Crowley. Tentamos descrever brevemente os autores Aleister Crowley e Alan Moore analisados neste artigo. Depois, discutimos brevemente os estudos dos quadrinhos e a obra *Promethea*.

Por fim, evidenciou a narrativa em quadrinhos com o intuito de entender o caminho místico de Aleister Crowley, recriado por Alan Moore, juntamente com os resgates da jornada de aprendizagem do Tarô, proposto 49- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**. Wildstorm: Uk, 1999.

pelo roteirista. Em conclusão, a *graphic novel* *Promethea* de Alan Moore e J.H. Williams III, oferece um rico diálogo com a vida e a obra de Aleister Crowley. Essas referências são cruciais para compreender a narrativa mística-religiosa presente na obra. A análise dos quadrinhos em relação à biografia de Crowley, baseada em estudos acadêmicos como os de Thierry Groensteen, Barbara Postema e Daniele Barbieri, revela novas interpretações sobre os quadrinhos e contribui para uma leitura da personagem *Promethea* e a visão mística e histórica de Crowley. O número 12 de *Promethea* é particularmente significativo, pois recria e reflete aspectos da vida de Crowley, enriquecendo a compreensão da narrativa. Assim, as interfaces entre a biografia de Crowley e a obra de Moore proporcionam uma interpretação mais profunda e detalhada da *graphic novel*, destacando a importância dessas conexões na apreciação da narrativa de *Promethea*.

REFERÊNCIAS

- BARBIERI, Daniele. **As linguagens dos quadrinhos**. Trad. Thiago de Almeida Castor do Amaral. São Paulo: Peirópolis, 2017.
- CROWLEY, Aleister. **Os livros sagrados de Thelema**. Tradução Vitor Cei. São Paulo: Madras, 2018.
- CROWLEY, Aleister. **O livro da lei**. Rio de Janeiro. Editor: Ricardo Uchôa, 2018.
- CHARLOTE, Raika; CROWLEY, Aleister. **Tarot new vision**. USA, EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HOLLANDA, Carlos Manoel de. Revelações do Milênio e a Estética de *Promethea*, de Alan Moore e J. H. Williams III. In: RODRIGUES, Carlos. **Interseções acadêmicas: panorama das primeiras jornadas internacionais de histórias em quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2013.
- HOLLANDA, Carlos Manoel de. **O reencantamento do mundo em quadrinhos uma análise de *Promethea* de Alan Moore**. Tese. Universidade Federal do Rio de Janeiro Centro de Letras e Artes, Escola de Belas Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, área de concentração: história e teoria da arte, linha de pesquisa: imagem e cultura, 2013.
- GREEN, Matthew J. A. The end of the world That's a bad thing right? In: CLARK, Steve; CONNOLY, T; WHITTAKER, J. **Blake 2.0: William Blake in twentieth – Century Art, Music and Culture**. New York: Palgrave Macmillan, 2012. p. 175-176.

- GROENSTEEN, Thierry. **O Sistema dos Quadrinhos**. Trad. Érico Assis e Francisca Ysabelle Manríquez Reyes. Rio de Janeiro: Marsupial, 2015.
- PETERSEN, Robert S. **Comics, Manga, and Graphic Novels**. A History of Graphic Narratives. Praeger: California, 2011.
- POSTEMA, Barbara. **Estrutura Narrativa nos Quadrinhos**: Construindo sentido a partir de fragmentos. Traduzido por Gisele Rosa. São Paulo: Peirópolis, 2018.
- MOORE, Alan; III WILLIAMS, J. H.; GRAY, Mick. **Promethea**: Edição definitiva. v. I. São Paulo: Panini, 2015.
- McCLOUD, Scott. **Desenhando quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 2008.
- McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. Trad. Hécio de Carvalho, Maria do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.
- McCLOUD, Scott. **Reinventando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 2006.
- MILLIDGE, Gary Spencer. **Alan Moore**: O mago das histórias. Tradução de Alexandre Callari. São Paulo: Mythos Editora, 2012.
- NICHOLS, Sallie. **Jung e o tarô**: uma jornada arquetípica. Tradução: Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 2007

“A RELAÇÃO ENTRE A LÍNGUA PORTUGUESA E A LÍNGUA PROVENÇAL”

Ricardo Xavier

“Mas sens o voler, lo pòble occitan mestrejava e senhorejava per sa lenga sus totis los païses a l’ entorn. Passant las Pirineas e las Alpas nostra lenga occitana, floriguent en belas cançons e en sirventés arderoses suls pòts dels trovadors, anèt inspirar las autras lengas romanas encara al breç.” (Joseph Salvat – “L’ Occitane al Segle XIII”)

“Mas involuntariamente o povo ocitano exercia, através da sua língua, um domínio, uma prevalência sobre todas as regiões e países próximos. Indo além dos Pirineus e dos Alpes, florescendo em belas canções e em poesias satíricas veementes nas bocas dos trovadores, havendo inspirado as outras línguas românicas ainda no nascedouro.”

RESUMO:

Nos séculos XII e XIII a língua e a literatura provençais assumiram uma posição de inquestionável preponderância no âmbito da cultura da Europa Ocidental. A língua provençal exerceu uma influência profunda sobre as outras línguas românicas, mormente na Galiza e no Condado Portucalense devido à presença considerável de falantes desta língua em função da aliança político-militar ibero-gálica contra os Mouros e também devido à concessão de extensos territórios a nobres da Gália para fins de colonização e prevenção de eventual reocupação, pelos Mouros, de terras já liberadas. Por conseguinte, vários fatos linguísticos duvidosos em galego e português somente podem ser esclarecidos através do provençal antigo, e o conhecimento deste se faz necessário para uma compreensão plena da gramática e do léxico de ambas as línguas.

Palavras-chave: influência do provençal antigo; etimologia do provençal; antigo; empréstimos; provençal mais próximo do que o castelhano; esclarecimento de questões e formas até o presente inexplicadas

THE RELATIONSHIP BETWEEN THE PORTUGUESE AND PROVENÇAL LANGUAGES

ABSTRACT:

In the twelfth and thirteenth centuries the Provençal language and literature played by far the leading role in the Western Europe culture. The Provençal language had a deep influence upon other Romance languages, above all in Galicia and the Portuguese County owing to the wide presence of provençal-speaking people within the frame of the Ibero-Gallic political and military alliance for fighting the Moors and to the granting of large tracts of land to Gallic noblemen for the purpose of settlement and prevention of eventual land re-occupancy by Moors. Therefore, plenty of doubtful language facts both in Galician and Portuguese can only be clarified through old Provençal, and its knowledge is required for a full understanding of their grammar and vocabulary.

Key-words: old Provençal influence; old Provençal etymology; loan-words; closer than Castilian; clarification of questions and word-forms; hitherto unexplained

Preâmbulo

O que é “provençal”?

Os factos da história externa

Os factos da história interna – fonologia, morfologia, léxico

Conclusão

Provençal e português: identidade, similaridade e paralelismo

O nosso estudo partiu de uma leitura do “Petit Dictionnaire Provençal-Français”, de Emil Levy, e do levantamento das isolexias e das palavras ali contidas de notável similaridade entre provençal e português. Dos cerca de 12.000 verbetes selecionamos cerca de 1500 e destes extraímos 145 que nos pareceram mais representativos. Estes 145 verbetes foram listados e traduzidos para o português, francês e castelhano antigos e para o catalão e astur-leonês modernos (à falta de dicionários da fase arcaica destas línguas) para fins de comparação. Estas listas e traduções se acham ao final do presente estudo.

Uma abordagem de âmbito puramente lexical, contudo, não nos parecia suficiente para a finalidade que tínhamos em vista – demonstrar a estreita relação entre as duas línguas – razão pela qual fizemos uma incursão breve pelos setores da fonologia e da morfologia e incluímos algumas apreciações sobre etimologia.

Fonologia

Na área da fonologia se observam uma identidade e similaridade consideráveis entre português e provençal. É fato que em parte isto se deve a fenômenos já manifestos no latim corrente ou vulgar e/ou a uma evolução coincidente ou paralela. Contudo, as “coincidências” notadas no vocalismo e no consonantismo são tão numerosas e significativas que a explicação tem que ser buscada também em fatores extralingüísticos como já mencionamos anteriormente. Acresce o fato de que algumas destas “coincidências” são próprias somente do português e do provençal, o que vem a reforçar a nossa impressão de que a história externa de ambos teve um papel muito importante no processo e responde por uma boa parte destes fenômenos.

Vocalismo

O vocalismo do provençal é bastante fiel ao latim, portanto bastante conservador, e similar ao do português. A rigor a única diferença substancial do provençal em relação ao vocalismo do latim corrente é o “u” palatal. A explicação deste “u” divide os lingüistas entre aqueles que o atribuem ao substrato céltico e aqueles que discordam desta teoria, mas aqui não abordaremos esta questão. O que se nos afigura relevante neste caso é o facto de que Portugal é a única região da Península Ibérica onde se faz notar este “u” palatal, em alguns dialetos. Foi Leite de Vasconcelos quem revelou a extensão deste fenómeno: “Dans une région très vaste, qui s’étend pour le moins de Fundão et Sertã (Beira Baixa) jusqu’ à Portalegre (Alto Alentejo) et qui comprend quelques territoires de l’Estremadure (Alvaiazere, Paiavo) l’u de la angue littéraire devient “ü”: rüa, müro, düas, madüro. Ensuite le phenomène apparaît dans l’Algarve (Barlavento) ou je l’ai observé à Lagos et à Villa-do-Bispo: üm, lüa, viüva...Il est probable que l’ü existe aussi dans certains endroits compris entre ces zones”. (“Esquisse d’une Dialectologie Portugaise”, pg.83 – Instituto Nacional de Investigação Científica – 3ª.ed. – 1987). Percebe-se que dentre as regiões mencionadas pelo filólogo português estão a Beira Baixa e o Alto Alentejo, regiões cujo subdialeto foi estudado por Paulo Feytor Pinto, que aventou a hipótese de o mesmo ser de origem provençal, conforme expusemos no presente estudo (veja-se “Occitejano – Hipótese de Origem Provençal do Subdialeto da Beira Baixa e Alto Alentejo”). Poderia este “u” palatal ser resultado da grande presença provençal e da influência desta língua em Portugal nos primeiros tempos de sua história? É verdade que esta grande presença se deu no norte, pelo menos no início, mas há que considerar que a Reconquista se processou no sentido norte-sul, que o repovoamento das áreas reconquistadas se fez em parte com contingentes de população do norte do país e também com colonos trazidos em sua maioria

da antiga Galia, sendo que no caso do Alto Alentejo e da Beira Baixa temos provas da presença de imigrantes egressos da Provença.

Há quatro fenômenos fonéticos que apresentam rigorosa identidade entre provençal e português:

Mudança do “o” pretônico para “e” em casos como *orologiu* > pr. *relotge*, pt. *relógio* e *obscuru* > pr. *escur*, pt. *escuro*;

Mudança do “in” inicial para “an” na preposição “antre”, forma paralela de “entre” no português arcaico: *inter* > pr. *entre*, *antre*, pt. *entre*, *antre*

Mudança do “e” pretônico para “a” nos casos de *eccu + illu* > pr. *aquel*, pt. *aquele* e *eccu + hic* > pr. *aqui*, pt. *aqui*

Mudança de “a” para “e” por influência de nasal em algumas palavras como *anguilla* > pr. *enguila*, pt. *enguia*; *agnu* > pt. *enho* (forma paralela de “anho”); *manducare* > pr. *menjar*; *angustia* > pr. *engoissa*

No âmbito dos ditongos destacamos o facto de que o provençal conserva os ditongos latinos “au” e “ai”, ao contrário da maioria das línguas românicas, com algumas poucas exceções em *augustu* > *agost* e *auguriu* > *agur*, como o português “agosto” e “agouro”, mudança que já se verificava no latim corrente.

Deve-se acrescentar ainda que o provençal e o português apresentam aférese das vogais em palavras como *episcopu* > pr. *vesque*, pt. *bispo*; *orologiu* > pr. *relotge*, pt. *relógio*; *occasione* > pr. *cagiom* ou *caizon*, pt. *cagião*, *cajon*, e prótese de “e” nas palavras iniciadas por “sc”, “sp” e “st” como *speculu* > pr. *espeh*, pt. *espelho*, *stare* > pr. *estar*, pt. *estar* e *scamnu* > pr. *escan*, pt. *escanho*.

Consonantismo

O consonantismo do provençal e do português revela muitos pontos em comum, sendo o mais significativo deles a sonorização das oclusivas intervocálicas, característica que se verifica em toda a Ibéria e no Languedoc *apicula* > pr. e pt. *abelha* *pacare* > pr. e pt. *pagar* *saeta* > pr. e pt. *seda*

No grupo “pr” também ocorre sonorização - *capra* > pr. e pt. *cabra* *lepore* > pr. e pt. *lebre* *aprile* > pr. e pt. *abril*

As consoantes geminadas do latim se simplificam em provençal e português, à exceção de “rr” em ambas as línguas e de “ss” em português *caballu* > pr. *caval*, pt. *cavalo* *bucca* > pr. e pt. *boca* *gutta* > pr. e pt. *gota*

Fenômeno muito importante e muito freqüente em provençal e português é a palatalização, que ocorre em vários casos:

Nos grupos latinos “-eclu”/“-ecla” e “-iclu”/“-icla” como *speclu* > pr. *espeh*, pt. *espelho* *auricla* > pr. *aurelha*, pt. *orelha* *oclu* > pr. *olh*, pt. *olho*

veclu > pr. velh, pt. velho

No grupo latino “-gn” (grafado “nh” em provençal e português) como
agnellu > pr. anhel agnu > pt. anho ligna > pr. e pt. lenha cognatu > pr.
conhat, pt. cunhado

No grupo latino “-ng” em provençal e em alguns casos em português
plangere > pr. planher frangere > pr. franher

ungula > pt. unha singulos > pt. senhos

No grupo latino “-di-“ (grafado “j”) em provençal e português

invidia > pr. e pt. enveja inodiare > pr. e pt. enojar

No grupo latino “-ni-“ (grafado “nh”) em provençal e português

*baliare > pr. e pt. banhar calumnia > pr. e pt. calonha *extraniu >
pr. estranh e pt. estranho

No grupo latino “-li-“ (grafado “lh”) em provençal e português

meliore > pr. e pt. melhor filiu > pr. filh, pt. filho illi > pr. e pt. lhi

Como se pode observar, o português adotou os grafemas “nh” e “lh”
do provençal para a palatal nasal e a palatal lateral respectivamente, e somente
a língua portuguesa o fez assim, pois o francês adotou “gn” e “ll”, o italiano
“gn” e “gli”, o catalão “ny” e “ll”, o castelhano “ñ” e “ll”, o astur-leonês e
o aragonês idem, o que é mais uma prova da relação especial entre as duas
línguas.

Com respeito às bilabiais “p” e “b” deve-se observar que o “p” no
grupo “- ps-“ se vocaliza em “i” em provençal e às vezes em português, mas
neste o “s” pode-se palatalizar por influência da vogal palatal, passando a “x”;
em português o “p” pode-se assimilar ao “s” em alguns casos

capsa > pr. caissa, pt. caixa ipse > pr. eis capsu > pt. queixo metipse >
pr. medis, pt. medês

O “b” em posição inicial e medial se mantém, mas quando em posição
intervocálica passa à labiodental “v” em provençal, e em português ou sofre
síncope ou também passa a “v”

faba > pr. e pt. fava hibernu > pr. ivern, pt. inverno tabanu > pr. tavan,
pt. tavão

Se a segunda vogal for “i”, pode o grupo “-bi” palatalizar-se, passando a “j”
como no caso de habeat > *habiat > pr. aja, pt. haja

Outro fenômeno peculiar à fonologia do provençal e do português é a
vocalização da velar “g”. Isto pode ocorrer nos seguintes casos:

No grupo “-gr-“ entre vogais como em *flagrare > pr. flairar,
pt. cheirar integrare > pr. enteirar, pt. inteirar

Quando entre duas vogais “a” ou entre “e” e “a” como em plaga
> pr. plaia, pt. praia saga > pr. e pt. saia legale > pr. leial, pt. *leial > lial

regal > pr. reial, pt. *reial > rial

Nas palavras “rege” e “lege” rege > pr. e pt. rei lege > pr. e pt. lei

Nos grupos “-gd-“ e “-gm-“ passando a “u” como em phlegma > pr. fleuma, pt. phleuma smaragdu > pr. esmeralda, pt. esmeralda. O “l” que aparece no português e castelhano “esmeralda” e no italiano “smeraldo” não faz sentido. A forma do latim corrente seria *smaraudu no caso do italiano ou *smaranda no caso do português e castelhano. No seu “Avviamento alla Etimologia Italiana” (ed. Mondadori – 2ª.ed. 1979, pg. 396) G. Devoto sugere que se trata de caso de provável hipercorreção e dá como outro exemplo o caso de saga > salma.

Outro caso de vocalização é o de “l” diante de consoante dental, que pode ocorrer tanto em provençal como em português

alteru > pr. autre, pt. outro multu > pr. mout, pt. muito saltu > pr. saut, pt. suto

*ascutare > pr. escoutar, pt. escuitar

As vibrantes alveolares simples e duplas se pronunciam de forma similar em provençal e português. O “r” inicial soa áspero e forte assim como o “rr” medial; o “r” entre duas vogais e no final da palavra se pronuncia suavemente. No grupo “rs” o “r” se assimila ao “s” em alguns casos em provençal e sempre em português, exceto quando se trata do encontro de “r” de prefixo e “r” do radical

versu > pr. ves, pt. vesso dorsu > pr. dos, pt. dosso deorsum > diosum > pr. jos, pt. juso *persicariu > pr. pesseguier, pt. pessegueiro

“R” pode resultar de dissimilação de “l” como em calamellu > pr. caramel, pt. caramelo lusciniolu > pr. rosinhol, pt. rouxinol liliu > pr. liri, pt. lirio (ou lat.vlg. liriu) peregrinu > pr. pelegrin, pt. pelegrino (alguns autores pensam que “rouxinol” e “pelegrino” sejam provençalismos).

O grupo “-ct” em provençal evolui para “-it” ou para uma africada prepalatal surda (grafada “ch”), dependendo da região e do dialeto. No primeiro caso trata-se da mesma evolução em português, à diferença de que a vocalização nesta pode ser em “i” ou “u”.

factu > fait ou fach nocte > nueit ou noch lectu > leit ou lech

Quando a vogal precedente é “a”, a vocalização em “i” forma o ditongo “ai” em que o “a” se assimila parcialmente ao “i” em português, resultando no ditongo “ei”, mas em provençal o ditongo permanece “ai”, porque esta língua mantém este ditongo inalterado.

Factu > pr. fait, pt. feito lacte > pr. lait, pt. leite

Em provençal e português existe a tendência à metátese de “i”

em sílabas do tipo *basiare > pr.baizar,pt.beijar *bassiare > pr.baissar, pt.baixar coriu > pr.cueir, pt. coiro.

A semiconsoante “i” inicial passa a “j” em provençal e português como em iacere > pr. e pt. jazer iocu > pr.joc, pt. jogo iuniu > pr. junh, pt.junho iudice > pr.jutge, pt. Juiz

O fonema “x” (ks) passa a “-is-“ em provençal e português em laxare > pr.laisar, pt. leixar (em ptg. com palatalização do “s” por influência do “i”).

O grupo “-ti-“ em posição intervocálica passa a “z” em provençal e português, exceto quando a primeira vogal é “i”, como em *pretiare > pr. e pt. prezar razione > pr.razon, pt. razom.

No grupo “-stem-“/”-stim-“ o “t” pode sofrer síncope como em aestimare > pr. e pt. esmar.

No grupo “-ndi” o “d” sofre síncope e ocorre palatalização de “-ni-“ resultante, em provençal e português, como em verecundia > pr. e pt. vergonha Burgundia > pr. e pt. Borgonha.

O encontro de “m” e “n” por síncope de vogal gera assimilação do “m” ao “n” em alguns casos em provençal e português, como em domina > domna > pr. e pt. dona. Quando “mn” provém do latim, pode ocorrer assimilação do “m” ao “n” ou pode haver epêntese de “p” para desfazer a junção “mn”:
damnu >pr. dan, pt. dano damnare > pr. e pt. dampnar

A queda da vogal pretônica entre “m” e “r” gera epêntese de bilabial para evitar a junção de “m “ e “r” como em memorare > pr. e pt. membrar. Neste caso há que se destacar que o provençal e o português apresentam duas formas resultantes de “memorare”, “membrar” e “nembrar”, sendo as duas únicas línguas românicas que possuem as duas formas. O francês antigo tem “membren”, o castelhano e o catalão antigos têm “membrar” e o astur-leonês e o aragonês modernos têm “membrar”, mas as duas formas paralelas somente em provençal e português, o que é mais um exemplo claro da relação especial existente entre ambas.

A epêntese da labiodental “v” para desfazer hiatos

Dentre as muitas identidades e similaridades entre provençal e português não podemos deixar de mencionar o uso de “v” para desfazer hiatos. Não pelo facto de que este modo de desfazer hiatos seja exclusivo destas duas línguas, pois outras línguas românicas também o utilizam como o italiano em rovina < ruina, vedova < vidua, Genova < Genua, o francês em bouvard < bouard, pouvoir < pooir, etc., mas pelo facto de que em português isto ocorreu em dois casos emblemáticos, entre outros. São estes “louvar” e “ouvir”. As formas resultantes da evolução do latim ao português eram “loar” e “oir”, segundo as regras da evolução fonética normal, embora sobre

a segunda haja uma certa suspeita de castelhanismo. O português, porém, tem aversão a hiatos em alguns casos e a forma de eliminá-los neste caso foi o recurso à epêntese de uma labiodental. Sucede, porém, que filólogos e lingüistas portugueses e brasileiros costumam apresentar uma explicação deveras estranha para justificar a presença do “v”. Segundo estes, o “v” resultaria de um segundo “u” consonantizado em uma forma “louuar”, que não está registrada, ou seja, de *laudare* ou **lodare* tivemos a princípio “loar”, depois “louar” para facilitar a pronúncia, depois “*louuar” e por fim “louvar” com a já referida consonantização do segundo “u”. O mesmo teria ocorrido, segundo esta teoria, no caso de “ouvir”. Destarte, primeiramente se teria desenvolvido uma semivogal “u”, formando um ditongo “ou” e depois este “u” se teria desdobrado numa semivogal e numa consoante, como postula A. Nascentes em seu dicionário etimológico, sem mostrar muita convicção. À pg. 77 do seu “Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa”(Clássica Editora, Lisboa, 8ª. edição) J.J. Nunes escreve que “desenvolveu-se cedo entre o –o- e a vogal imediata outra da natureza daquela, isto é, –u-, resultando daí o ditongo –ou- cujo último elemento por sua vez produziu outro –u- que não tardou a consonantizar-se”. Leite de Vasconcelos se limita a propor como étimo “*lodare”, sem maiores comentários. Edwin Williams nada diz e Antonio G. da Cunha aduz apenas “loar”, aparentemente não endossando a teoria do “u” desdobrado. Há outros casos em provençal e em português, o que mostra que este meio não era tão estranho ou raro a ponto de causar tanta espécie entre nossos lingüistas. Em provençal temos “auvent” (de “auvir”), “jauvir” (< *gaudere*) e “glavi” (< *gladiu*). Em português temos “couve” (< *caule*), “gouvir” (< *goir* < *gaudere*) e “chouvir” (< *choir, choer* < *claudere*). Buscar uma explicação tão elaborada e ao mesmo tempo tão inverossímil e frágil, quando se trata simplesmente de um meio freqüente para desfazer hiato, é algo que “admira e consterna”. W.D.Elcock diz apenas “the filling of a hiatus by v ...noticeably of frequent occurrence”. As fontes francesas e provençais se referem singelamente a um “v” para desfazer hiatos, nada mais. É bem possível que a língua provençal aqui também tenha “inspirado” a língua portuguesa, para usar a palavra de J. Salvat, fornecendo-lhe o modelo ou influenciando mais uma vez a sua fonologia. Se os nossos lingüistas tivessem o bom costume de levar em consideração o provençal, teriam poupado tempo e imaginação. Vale dizer ainda que somente provençal e português possuem as formas “louvar/lauvar” e “ouvir/auvir” com “v” no universo das línguas românicas.

Morfologia

A morfologia provençal diverge bastante da do francês e apresenta

como sempre muitas similaridades com aquela das línguas ibéricas. Não podemos fazer aqui um resumo das suas principais características, ater-nos-emos àqueles traços significativos para fins de comparação com o português a título de ilustração adicional da estreita relação entre ambas as línguas e para fins de eventual auxílio na compreensão de algumas formas do português.

Artigos, substantivos, adjetivos e pronomes

Até o século XIII o provençal manteve um sistema de declinação simples de dois casos, caso sujeito e caso regime, que não abordaremos aqui por não ser pertinente com a finalidade do presente estudo.

Os artigos definidos no masculino singular eram “lo” e “le” para o caso sujeito e “lo” para o caso regime; os plurais eram “li” (“los” raramente) e “los” para ambos os casos. No feminino singular tínhamos “la” e no plural “las” para ambos os casos. Havia as formas contractas com as preposições como “del, al, pel”, etc. e as formas de elisão para substantivos começados por vogal. Os artigos indefinidos eram “un, una, uns, unas”.

Nos substantivos há que se destacar a apócope de “o” no masculino, mas a conservação de “a” no feminino. O plural se forma com “s”.

Os adjetivos eram de dois tipos como nas demais línguas românicas, o tipo “bon/bona” e o tipo “paubre/paubra”, residindo nesta forma do feminino a novidade e a diferença em face das línguas ibéricas. No comparativo ainda figurava uma forma sintética como em latim – aut/áusser/auzór. O superlativo se formava com os advérbios “molt/mout”, “fort” ou “ben” ou com a preposição “sobre” (sobre bon).

O numeral dual tinha “amdui”, “ambedui” e “ambedos” para o masculino e “ambas” para o feminino.

Os pronomes demonstrativos eram “cest/cesta”, “est/esta”, “cel/cela”, “aquel/aquela” e “aquest/aquesta”. O latim “ipse” deixou uma forma “eis”. De “hic/haec/hoc” ficou esta última forma do neutro, que passou a significar “sim”, donde a expressão “langue d’oc”.

Os pronomes pessoais eram no caso reto eu/ieu – tu – el,elh – ela – nos – vos – els/elhs – elas , e no caso oblíquo me/mi – te – li/lo – li/la – nos – vos – lor.

Os pronomes possessivos eram meu – teu - seu – nostre – vostre – lor/lur; mia – toa/tua – soa/seua – nostra – vostra – lor/lur ou ma - ta – sa – nostra – vostra – lor/lur; mas – tas – sas – etc..

Os pronomes relativos eram “qui” e “que” para o caso sujeito e “cui” para o caso regime; “qual” e “quals”.

Os pronomes interrogativos eram “qui” para pessoas e “que” para objetos.

Dentre os pronomes indefinidos havia “alcun/alcuna”; “als, al, au” (< alius) similares ao português “al”; “autre”; “cada”, “cadaun/cadauna”; “negun/neguna”; “neun/neuna”; “nul/nula”; “molt/mout”; “om” (< omne); “re” (ninguém); “tals”; “tant”; “tot/tota”.

Verbos

Havia 3 conjugações em –ar, em –ir e em –er, esta última abrigando os chamados verbos fortes. O provençal manteve os participios presente e passado, o gerúndio, e no modo indicativo os tempos presente, imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito (somente em função condicional) e no subjuntivo o presente e o imperfeito. Possuía ainda o passado definido, o futuro simples e o futuro do pretérito, o condicional presente e passado. As desinências pessoais guardam grande semelhança com o português. Exemplo da conjugação de verbo regular, “cantar”.

Presente ind. – cant – cantas – canta – cantám – cantátz – cántan; Futuro – cantarai – cantarás – cantará – cantarem – cantaréz – cantarán;

Condicional – cantaria – cantarias – cantaria – cantariám – cantariátz – cantarían;

Imperfeito – cantava – cantavas – cantava – cantavám – cantavátz – cantávan;

Perfeito – cantei – cantest – cantet – cantém – cantétz – cantéron;

Mais-que-Perf. – cantéra – cantéras – cantéra – canterám – canterátz – cantéran;

Pres.subj. – cant – cantz – cant – cantém – cantétz – cánten; Imperf.subj. – cantés – cantésses – cantés – cantessém – cantessétz – cantéssen;

Part.Pres. – cantanz; Gerúndio – cantant; Part. Pass. – cantat/cantada

Particularidade importante que o provençal compartilha com o português é a mesóclise ou interposição de pronomes oblíquos na conjugação do futuro simples e futuro do pretérito, por exemplo: dar vos em (port. dar-vos-emos), agradar m’ia (port. agradar-me-ia).

Entre os verbos irregulares destacam-se os seguintes:

Anar = ir (< andar < ambitare); Ind. Pres. – vau, vas, va, anám, anátz, van; Fut. – irai, irás, irá, irém, irétz, irán; Cond. – iria, iria, iria; Imperf. – anava; Perf. – anei, anest, anet, anem, anetz, aneron;

Dar – Ind.Pres. – dau, das, da, dam, datz, dan; Perf. – dei, des, det, dem, detz, deron; Fut. – darai; Cond. Daria; Subj.Imperf. – des, desses, des, dessém, dessé tz, dessen;

Estar – Ind.Pres. – estau, estás, está, estám, estátz, están; Imperf. – estava; PPerf. – estei, estest, estét, estém, estétz, estéron; Cond. – estaria; Subj.Pres. – estia;

Esser = ser; Ind.Pres. – soi/son, est, es, sem, etz, son; Imperf. = era; Perf. –

fui, fust, Fo, fum, fotz, foron; Fut. – serai, serás, será; Cond. – seria; Subj. Pres. – sai, sias, sai; Imperf. fos, fosses, fos, fossem, fossétz, fössen; Aver – Ind. Pres. – ai, as, a, avem, avetz, na; Imperf. avia; Fut. aurai, aurás, aurá; Subj. Pres. – aja, ajas, aja; Dizer/dire – Ind.Pres. – dic, dizes, ditz, dizém, dizétz, dizon; Imperf. – dizia; Perf. – dis, dizest, dist, dissém, dissétz, disséron; Fut. – dirai; Cond. – diria; Subj.Pres. – diga, digas, diga.

Faire = fazer – Ind.Pres. – fau, faz, fatz/fai, fam, fatz, fan; Perf. fis, fezist, fes, fezém, fezétz, féron; Imperf. – fazia; Fut. farai, farás, fará; Cond. – faria; Subj.Pres. – fassa.

Na conjugação em –IR há um tipo de verbo incoativo, por ex. florir, que se conjuga da seguinte forma: Ind. Pres. – florisc, floris, floris, florim, floritz, florissen; Imperf. – floria; Subj.Pres. – florisca; Cond. – floriria. O tipo não incoativo como “partir” se conjuga assim: Ind. Pres. – part, partes, part, partém, partétz, pártén; Imperf. – partia; Perf. – partí, partist, partit, partím, partítz, partíron; Subj. Pres. – parta, partas, parta.

São muitos os verbos e, em face da impossibilidade de mostrar muitos deles, mostramos apenas um pequeno número para dar uma ideia da conjugação e da semelhança com as formas portuguesas. Existem inúmeras formas idênticas ou similares às do português como, por exemplo, o subjuntivo “veja” de *ver*), “tenha” de *tener* (ter), “valha” de *valer*, etc..

Existe, porém, uma forma que precisa ser considerada com atenção, porque tem relação direta e esclarecedora com a sua forma correspondente em português, que é irregular e problemática. Trata-se da 1ª. pessoa do singular do presente do indicativo do verbo “perdre” em provençal. A forma correspondente em português “perco” tem desafiado lingüistas e filólogos portugueses e brasileiros e as explicações têm sido as mais variadas, algumas bastante heterodoxas. Houve mesmo quem dissesse que “perco” se devia a um erro ou esquecimento de copista medieval na forma “perço”. D. Carolina Michaelis sugeriu uma analogia ou trocadilho entre a expressão “deus te parca” (deus te perdoe ou te poupe, do antigo verbo “parcir”) e a expressão “deus te perca”, que significaria o oposto, donde teriam resultado as formas “perco/perca”, com “c” em vez de “d”. Na sua “Gramática Histórica” I.L.Coutinho cita várias explicações como a de J.Huber – analogia com “merco” ou com o antônimo “venco”, a de Henry Lang – analogia com “conhosco” e “paresco” – e a de Leite de Vasconcelos e Ribeiro de Vasconcelos – existência de um suposto verbo *perdicare – mas o próprio Coutinho se mostra cético a respeito destas hipóteses. Este autor sugere que “perco” era forma popular e tenha conseguido acesso à esfera literária, superando a forma concorrente “perdo”,

mas isto não explica a origem da forma irregular (veja-se “Gramática Histórica”, ed. Livraria Acadêmica, 6ª. edição, 1973 – pg. 309). O facto é que até hoje a forma “perco” carece de explicação convincente. Se os filólogos e lingüistas tivessem conhecido a forma provençal correspondente ou se tivessem interessado um pouco por esta língua tão importante para a língua portuguesa, teriam encontrado ali a forma “eu perc”, que julgamos ser a origem da forma portuguesa “eu perco”. Bem, mas se o verbo provençal é “perdre” com o “d” etimológico, como entender nesta língua o surgimento deste “c” velar? A explicação nos dá Bourciez no seu “Éléments de Linguistique Romane” (Klincksieck, 4ª. ed. – Paris, 1946), à página 337, e a transcrevo diretamente no original: “En provençal, dans les verbes en –ngere, 1. sing. “planh” s’étant produit à côté du régulier “planc”, on eut inversement “tenc”, “venc” en face de “tenh”, “venh” § 206 (avec des subj. “tenha” ou “tenga”, “venha” ou “venga”). D’autre part, comme il y avait encore en outre 1. sing. “dic”, “prieç”, “trac”, etc., beaucoup de verbs adoptèrent cette finale en “c”: de là les doubles forms comme prov. “pert” et “perc”, “pren” et “prenc” (avec un subj. “prenda” ou “prenga”, etc.)”. Veja-se também a este respeito a “Gramática Histórica del Provençal” de José Ramón Fernández González (ed. Universidad de Oviedo, 1985, pg. 340-341).

Advérbios

Advérbios de lugar – aqui, avan, dont (lat. de + unde), en (lat. inde), entorn, fora, i/hy (lat. ibi), jos (lat. diosum, ptg. juso), la/lai, o (lat. ubi, ptg. u), oltra, ont (lat. unde), tras (lat. trans)

Advérbios de tempo – anoch (lat. ad noctem), antan (lat. ante annum, ptg. antanho), anz (lat. ante + s), ara (ptg. agora), cada dia, cad’an (cada ano), encui (lat. hinc hodie), her/er/ier (lat. heri, ptg. eiri), huey/oi (lat. hodie), ja, jamais, luec (lat. locu, ptg. logo), nonca (ptg. nunca), ogan (lat. hoc anno, ptg. oganho/ogano), pois (lat. post), depost, sempre, tost (lat. tostum, ptg. tan toste), vegadas (lat. vicata, ptg. aas vegadas), vetz (lat. vice, ptg. vez), alcuna vetz

Advérbios de intensidade – assatz (lat. ad + satis, ptg. assaz, empr. provençal), mais, molt/mout (lat. multu, ptg. muito), pauc (lat. paucu, ptg. pouco), plus (lat. plus, ptg. chus), tan (lat. tam), mens (lat. minus, ptg. menos)

Advérbios de modo – coma/com (lat. quomodo, ptg. coma/como), leu (lat. leve, ptg. leu, ao leu, empr. provençal), sol (lat. solu, ptg. soo)

Advérbios de afirmação e negação – non/no, oc (lat. hoc, sim), ren (lat. rem, reforço de negação, ptg. ren = nada)

Preposições

a, az (diante de vogais), abans (lat. ab + ante + s), ab (lat. apud, no sentido de “com”), contra, des (lat. de + ex, ptg. des = desde), eissetz (lat. exceptus), en, entro/tro (lat. intro, ptg. tro = até), fora, malgrat, oltra, per, pois, segon (lat. secundu), sen/sens (lat. sine, ptg. sem), sobre, tras

Conjunções

A maior parte das conjunções latinas não passou ao provençal, tendo havido formações novas compostas de dois elementos, um adjetivo, particípio, pronome, advérbio ou preposição + “que”. A conjunção aditiva é “et”, a alternativa é “o”. A conjunção temporal é “quan”. A conjunção causal ou explicativa é “quar/car” (lat. quare, ptg. car), a adversativa é “mais”. Entre as conjunções formadas de elementos variados + “que” temos “des que”, “despois/depois que”, “mentre que”(ptg. mentre que), per que, pois que (ptg. depois que ou já que), tro que (ptg. tro que + até que).

Formação de palavras

O sistema de formação de palavras por derivação em provençal é muito rico devido à grande flexibilidade de sufixação, permitindo a adaptação ao mesmo radical dos sufixos mais variados, por exemplo: alegretat, alegria, alegreza, alegror, alegratge, alegransa, etc..

Principais sufixos

Sufixos formadores de nomes que designam pessoas : -ador-, -idor-, -edor- amorador, cantador, corredor, fazedor, servidor (feminino –iritz); -ier- cavalier, guerrier, vaquier fem. –eira vaqueira, guerreira; -es marques, pages, aragones; -an castelan, capelan; -et(a) donzelet, toset(a), pastoret

Sufixos formadores de nomes abstratos: -ia cortesia, maestria, felonía; -or temor, albor; -adura/-tura armadura, autura, cavalgadura; -zon mentizon, vestizon; -er alegrier, pessier; -eza dureza, largueza, riqueza; -ansa esperansa, remembransa; -ensa crezensa, falhenza; -ada cavalgada, balada, jornada; -atge coratge, linhatge, messatge; -men mandamen, salvamen, departimen; -tat beltat, bontat

Sufixos formadores de nomes concretos: -alh(a) tenalha, ventalh, serralh; -al jornal, portal, dedal; -ier/ieira figueira, ribeira, laurier; -at lobat, passerat; -el anhel, cadel; -on auzelon, caton; -tor/-dor cobertor, lavador, mirador; -alha batalha, muralha, canalha

Sufixos formadores de adjetivos: -able/-ible agradable, marcessible, ensinable; -ador/-edor/-idor avenidor, durador, mordedor; -al campal, quintal, cabal; -at/-it/-ut esmerat, faidit, barbut; -os amoros, aventuros

Sufixos formadores de verbos: -alhar badalhar, fendilhar; -ejar manejar, blanquejar; -izar cotizar, scandalizar

Principais prefixos

Prefixos formadores de verbos: de- departir, degastar; dez- dezagradar, dezamparar; mes- ou menes- mescabar /menescabar, mesprezar, mesdire; sobre- sobremontar, sobrevaler;

Prefixos formadores de substantivos e adjetivos: des(z)- descortesia, dezavantatge; -sobre sobretemor, sobrebon, sobrafan.

O léxico

O léxico é a parte da língua mais susceptível a influências e, conseqüentemente, a empréstimos, mantendo-se a morfologia e a sintaxe em geral mais refratárias a influências externas. Em situações de contacto social e cultural há grande probabilidade de influências lingüísticas mútuas e, quando nos estratos sociais mais elevados e na esfera política ou administrativa há grande número de elementos alienígenas, como ocorreu nos primórdios da fundação de Portugal, tal probabilidade é proporcionalmente bem maior. Vimos que o Condado Portucalense foi entregue ao governo de um Conde da Borgonha, que trouxe consigo muitos Francos para a administração e para a luta contra os mouros, que posteriormente durante muito tempo se fizeram aportes de colonos da antiga Galia para repovoamento das terras reconquistadas, e que entre os primeiros reis de Portugal era costume o casamento com princesas e nobres daquela mesma origem. A primeira e óbvia conseqüência destes factos é que a população do Condado Portucalense e depois de Portugal, ficou miscigenada e em algumas cidades a maioria, se não a totalidade, dos habitantes era de Francos, inclusive em cidades como Coimbra, que foi sede da monarquia nos seus primeiros tempos, depois de Guimarães. Como observa o prof. Mário Eduardo Viaro em seu livro “Etimologia” (ed. Contexto, São Paulo, 2011), “retirada a situação anômala da coincidência, fenômenos idênticos em duas línguas quaisquer não ocorrem de maneira independente, mas apenas por causa do contato cultural...” (pg.235). Vimos como foram grandes a identidade e a similaridade entre português e provençal na respectiva evolução fonética. Consideremos agora a questão do léxico.

Dado o desconhecimento da, e o desinteresse pela língua provençal entre os lingüistas e filólogos luso-brasileiros em geral, o grande problema da identificação e reconhecimento dos empréstimos lexicais provenientes da França é a distinção precisa da origem dos mesmos, se franceses ou provençais. A classificação enganosa de “línguas galo-românicas” pelo critério geográfico fez que muitos tendessem a achar que provençal e francês fossem línguas muito semelhantes ou não passíveis de diferenciação muito rígida, e posteriormente, com o declínio político, econômico e cultural do Langue d’Oc, invadido e colonizado pelas forças do norte, do Langue d’Oil, e o conseqüente declínio

da língua provençal e sua obliteração pela língua francesa na esfera oficial, imposta aos habitantes do Langue d’Oc, esta tendência se acentuou, tornando a questão ainda mais difícil. A ascensão da dinastia carolíngia e sobretudo o chamado renascimento carolíngio do século IX haviam tornado a França a expressão maior do Ocidente europeu, elevando em muito o seu prestígio político e cultural. Passado o período de grande brilho e difusão da cultura provençal, a que se seguiram o declínio e o ofuscamento da mesma, a distinção entre norte e sul, entre Langue d’Oc e Langue d’Oil, perde terreno, dando lugar à expressão única “França/francês. Certamente houve empréstimos do francês ao português, mas inicialmente foram estes em muito menor número do que os provençais, embora depois tenham sido freqüentes e consideráveis pelos séculos afora. Devido à grande influência cultural exercida pela França sobre Portugal e depois sobre o Brasil, tornando-se a grande referência nesta área até a metade do século XX, os lingüistas em geral conheciam esta língua e tendiam a considerar “francês” tudo aquilo que havia procedido ou procedia daquele país, englobando em um único conceito tudo que ali se havia manifestado ou manifestava. A consequência disto na área da lingüística foi atribuir ao francês empréstimos que em realidade eram do provençal, na Idade Média. Secundariamente, também por desconhecimento da língua provençal, se atribuíram ao castelhano empréstimos que na verdade eram do provençal como é o caso de “machucar”, por exemplo. Adolfo Coelho afirmou ser esta palavra empréstimo do castelhano, A. Nascentes o acompanhou e A.G. da Cunha diz que o mesmo é de origem controversa, sem maiores explicações. A palavra existe em castelhano, mas é de origem provençal, formada sobre uma palavra gaulesa “maca” ou “macha”, com o significado de “martelo, maça, instrumento para esmagar, triturar”, donde o verbo “maçar” em provençal cujo sentido é “ferir, contundir, pisar”, e “machucar”, seu freqüentativo com o sentido de “esmagar, triturar” (no ocitano moderno “machugar”= esmagar, mastigar), com o sufixo -uc + ar. O castelhano tinha “machacar” (triturar, esmagar) e não teria necessidade de outra forma quase idêntica e com o mesmo significado, de modo que parece carecer de sustentação a teoria de J. Corominas segundo a qual “machucar” seria de formação castelhana. A respeito de “machucar” provençal, veja-se Pierre Malvezin “Glossaire de la Langue d’Oc”, Paris, 1908, pg. 64. A palavra “baía” é outro exemplo. Baseando-se em Meyer-Luebke, A.Nascentes indica origem ibérica, F.Diez aponta origem céltica, o que se afigura verdadeiro; ninguém considerou o provençal “baia” com o sentido de “orla marítima em curva”, de “baga”= objeto arredondado, veja-se Pierre Malvezin, op. citada, pg.18. O étimo de “virar” foi buscado em um cruzamento de “vibrare” com “gyrare”! Não seria

antes do provençal “virar”? A palavra “proeza” é dada como empréstimo do francês. No seu “Dictionnaire Étymologique de la Langue Française”, Wartburg dá como forma antiga “prouesse”. O provençal tinha “proeza”. Se o português “proeza” tivesse vindo do fr. “prouesse”, a forma previsível teria sido “pruessa” ou “proessa” em português e não “proeza”.

Existem tantos casos de identidade e similaridade grande entre provençal e português que às vezes se torna difícil interpretá-los e distingui-los quando se trata de “coincidência”, empréstimo ou evolução paralela. O fato de estas identidades e similaridades serem às vezes exclusivas de ambas enfatiza o caráter especial da sua relação no âmbito das línguas românicas. Serafim da Silva Neto menciona uma frase de Bartoli que aqui vem a propósito: “Più due linguaggi si assomigliano e più facilmente l’uno influisce sull’altro”. Tome-se por exemplo os casos de “louvar/lauvar” e “ouvir/auvir”, formas únicas em toda a România, já comentadas anteriormente. Seria isto mera “coincidência”? As palavras “pai/mãe” em português e “pai/mai” em provençal, com uma diferença mínima, a forma nasalada de “mãe”, como interpretá-las? Sabemos que estes dois conceitos podem ter formas reduzidas, sobretudo na linguagem infantil, e as encontramos em outras línguas, no astur-leonês “pa”, no gascon “pay” (esta língua, porém, é parte do Langue d’Oc), mas somente o português e o provençal têm as formas “pai/mãe” e “pai/mai”. A evolução fonética em provençal se explica pela alteração do grupo medial –tr- que passa a –ir- como em Petru > Peire, patre > paire e matre > maire, e depois no caso dos dois últimos queda do “r” e perda da vogal final. Seria coincidência? Ismael de Lima Coutinho escreveu na sua “Gramática Histórica” que “Em sua fase primitiva era o idioma português pobre e rude, servindo apenas para a expressão das necessidades da vida doméstica, pastoril, agrícola ou guerreira...Com o influxo da arte provençal começa a desenvolver-se a literatura do reino peninsular” (pg. 164). Pergunta-se: somente a literatura? Parece implícito nesta frase que também a língua “começa a desenvolver-se”, e W.D.Elcock afirma “Imitation of Provençal was naturally responsible for an early contribution of that language to Portuguese”(op.citada, pg 435), reconhecimento, por parte de um lingüista inglês, de um facto que continua desconsiderado e negligenciado pela maioria dos lingüistas luso-brasileiros. O que pensar de formas como o português “amaru”, que conviveu com a forma “amargo” (cast. “amargo” e cat. “amarg”)? A correspondente provençal era “amar” (lat. “amarus). “Ancar” = já, imediatamente, outra forma do português arcaico, lembra o provençal “encara”= ainda. “Ar” = outra vez, em português parece ser o mesmo “ar” = agora, do provençal. O português “antan”= outrora (depois “antanho”, castelhanismo) parece ser o provençal

“antan” = outrora. “Atras” e “atraves” existem nas duas línguas com quase o mesmo sentido (“atraves” provençal significa “em sentido transversal”); “detras” e “oimais”= doravante, idem. “Paor”, forma paralela de “pavor” é um provençalismo evidente, pois significa “o medo do trovador de desagradar a dama”, com óbvia referência à temática lírica provençal. “Paraula” e “parlar” são empréstimos provençais evidentes. “Pel” no sentido de “pelo” também o é, como prova a apócope do “o” típica do provençal. O verbo provençal “pertusar”= perfurar, tem no português “pertusa”= furada, oca, um empréstimo ou um cognato extremamente próximo. O provençal “poiar” = subir faz par com o português “pojar”= subir. Até o germanismo “regardar” tem um correspondente “reguardar” no português. O português “reverdie”= canção para celebrar a volta da primavera, remete ao provençal “reverdir = tornar-se verde novamente. “Ribeira” é comum às duas línguas assim como milhares de outras palavras. A forma “volho”= eu quero, usada às vezes em português, é tomada ao provençal, visto que o verbo “*volere” do latim corrente não passou ao português, sendo substituído por “quaerere”. Pensemos na palavra “viúva” do português e na palavra “veuva” do provençal, tão próximas, na conjunção explicativa “pois que” em ambas as línguas, na locução provençal “per amor de”= por causa de, que tem no português “por amor de” sua correspondente exata, usada ainda hoje no Nordeste brasileiro sob a forma de “pro mó de”. Quando lemos um trecho de um dos primeiros documentos textos em língua provençal – a Chanson de Sainte Foi – do século XI e vemos ali versos como “E si vos plaz est nostre son / Eu la vos cantarei en dons” (“Se vos apraz esta nossa canção (som) / Eu vo-la cantarei gratuitamente” conjecturamos que provençal e português estavam de certa forma “fadados” pelas teias e rumos insondáveis da História a caminharem juntos e a desenvolverem uma relação muito estreita durante parte de seu percurso histórico.

Poderíamos comentar uma pletera de formas portuguesas e provençais idênticas e aparentadas, mas para tal seria preciso escrever um livro. Limitemo-nos à lista de isolexias anexa a este estudo e passemos agora aos empréstimos mais comuns.

Empréstimos

É grande a quantidade de empréstimos do provençal ao português. Nem todos estão identificados, vários foram considerados erroneamente empréstimos do francês e do castelhano. Há também o caso daqueles que suscitam dúvidas quanto à origem exata, se provençal ou francês. A questão se complica ainda mais pelo facto de que entre provençal e francês houve empréstimos mútuos e que várias palavras francesas muito comuns e usadas

são na verdade provençais, como é o caso de “amour”. Ademais, nem todos os empréstimos são originais, isto é, palavras da própria língua, às vezes são palavras de outras línguas que entraram em provençal, sofreram adaptação fonética e depois foram tomadas como empréstimo por outras línguas, como é o caso de palavras célticas e germânicas que passaram a fazer parte do léxico provençal e depois de outros léxicos.

A título de amostra mencionamos aqui alguns empréstimos do provençal ao português antigo. Há certeza da origem quanto à maioria, alguns são objeto de controvérsia.

adubar – agradar – alegre – albergar – alna – anel – artilharia – azo – bafordar – balada – bedel – bote – botar – branco – brial – brunir – burel – burjaca – cabrestante – cadafalso – calandra – camal – cascavel – caserna – cavilha – cendal – cordel – correio – cós – cousir – cousimento – coxim – drudo – endurar – escaques – esmaiar – estandarte – estornudar – esmeralda – fardel – feu – galardom – ganhar – gonfalon – homenagem – jogral – jornada – justa – laido – leu – lousinhar – malha – malvado – malvadeza – mentiral – mesnada – mistral – mota – musango – nau – ouropel – paor – palafrém – paliçada – falar – paraula – pavilhão – pelota – peltre – pote – praia – prata – prestes – rafar – refrão – ribaldo – rico – rocim – romance – rondão – rouxinol – sala – salitre – selvagem – sen – sirventês – solaz – talabarte – talante – tenalha – terraço – toalha – toste – trabucar – trompa – tropel – trovar – trovador – truão – tudel – vassalo – viagem – vianda – viola – visagem

Conclusão

Nosso estudo teve por finalidade abordar a questão da estreita relação entre a língua provençal e a língua portuguesa nos seus primeiros tempos, uma lacuna na historiografia desta última. O levantamento completo desta relação está por ser feito. Causam espécie a omissão e o silêncio em torno do assunto. Referências aqui e ali admitem a questão, mas não entram no mérito da mesma. Os motivos podem ser de natureza vária: desinteresse pelo tema, dificuldade de acesso a fontes de consulta e pesquisa, negligência pela História como disciplina auxiliar da lingüística e conseqüente não-percepção das implicações culturais e lingüísticas do processo histórico de fundação de Portugal, o declínio e ofuscamento da língua provençal e a ascensão do francês que passou a monopolizar as atenções em detrimento daquela, etc.. Contudo, não se pode deixar de mencionar aqui a parte de responsabilidade que cabe aos adeptos e seguidores das correntes lingüísticas modernas com a sua conhecida aversão pela filologia, pela diacronia e estudos histórico-lingüísticos e pelo método histórico-comparativo. O artigo do prof. Paulo

Feytor Pinto sobre a provável origem provençal do subdialeto do Alto Alentejo é uma feliz exceção, um facho de luz em meio ao túnel escuro, esperamos que outros sigam o seu exemplo e a senda aberta nesta área do conhecimento e da historiografia da língua portuguesa. Ademais, cabe reformular alguns conceitos equivocados no âmbito do léxico e da etimologia, restabelecendo a verdade sobre a origem de várias palavras portuguesas como “ilha”, claríssimo empréstimo provençal, palavra que mereceu um longo verbete no dicionário etimológico de A.Nascentes, onde se aludiu a várias possibilidades, menos à correta. Nossos dicionários etimológicos também carecem de atualização, não basta repetir o que lexicógrafos anteriores escreveram. Etimologia é algo muito complexo, demanda muito estudo, pesquisa e conhecimento de outras línguas, não apenas da própria. Se tudo em etimologia pudesse ser resolvido no âmbito da própria língua, a tarefa seria muito mais fácil. É preciso recorrer sempre às línguas próximas, àquelas que tiveram contato com a língua em questão e, às vezes, também a línguas remotas. A etimologia de “filius” em latim somente foi descoberta depois que a forma do letão “dels” forneceu a pista para tal, ainda que esta língua esteja aparentemente tão afastada do latim. Se os etimólogos e lingüistas luso-brasileiros do passado tivessem tido a iniciativa de consultar um dicionário de provençal, teriam encontrado ali a palavra “talabarte” e não teriam escrito que esta era de origem castelhana, mormente quando se sabe que o Dicionario de la Real Academia considera “talabarte” como empréstimo do português!! Felizmente o dicionário de A.G. da Cunha restabeleceu a verdade a este respeito.

Julgamos haver mostrado aqui um pouco da estreita relação histórico-cultural entre provençal e português com enormes implicações na área linguística, um pouco da grande influência que a primeira exerceu sobre a segunda em seus primórdios (“al breç”), demonstrando ao mesmo tempo a necessidade de estudo da questão e de uma reconsideração da história da língua portuguesa em sua origem e na fase medieval, contemplando então a relação especial com o provençal e o papel por este desempenhado no citado período. Um retorno às origens, ao ponto de partida pode ser útil e produtivo, pode levar a revisões, reexames, ajudando a entender ou conhecer mais e melhor, a descobrir factos novos e a reconhecer outros fatos, antes não admitidos ou não percebidos. Esta busca seria então um pouco como aquela referida por T.S.Eliot em seus versos

“Nós não cessaremos de buscar, / E o fim de toda a nossa busca / Será chegar ao ponto de partida / E conhecer o lugar pela primeira vez” (“Little Gidding” – The Four Quartets)

ANEXOSISOLEXIAS PLENAS EPARCIAIS PROVENÇAL / PORTUGUÊS (“ Petit Dictionnaire Provençal-Français” E.Levy)

abastar-abastar abelha-abelha abet-abete abilhar-abilhar abundar/aondar-
 abundar/avondar aborrrir-aborrrir abotonar-abotoar abrasar-abraçar abric-
 abrigo abrigar/abricar-abrigar absolver/absolvre-absolver abeurar-abreuar/
 abreviar abite-hábito acabar-acabar acampar-acampar acarar-acaroar acatar/
 acaptar-acatar/acadar acendre/accendre-acender acceptar-acceptar acertar-
 acertar acolhir-acolher acometre-acometer acompanhar-acompanhar
 aconselhar-aconselhar acordar-acordar acorre-acorrer acostar-acostar
 acreiser-acrescer adolentar-adoentar adolterar-adulterar adorar-adorar
 adornar-adornar adurar-adurar afadigar-afadigar afan-afã afanar-afanar
 aficar-aficar afidar-afiar afilar-afiar afinar-afinar afligir-afligir afretar-
 afretar afrontar-afrontar agardar-aguardar agost-agosto agradar-agradar
 agrura-agrura agua-agua agudeza-agudeza agravar-agravar agre-agre
 agulha-agulha agut-agudo aguzar-aguçar ainsa-ansia aize/aitz-azo ajudar-
 ajudar al-al alargar-alargar alat-alado alba-alba alargamen-alargamento
 albor-alvor alegar-alegar alegre-alegre alegrar-alegrar alegria-alegria
 alinhad-alinhado alh-alho aliar-aliar alogar-alugar alongar-alongar altercar-
 altercar alumar-alumiaralna/auna-alna aut-alto autura-altura amaestrar-
 amestrar amador-amador amargar-amargar amargor-amargor amarrar-
 amarrar amenasar-ameaçar amic-amigo amenudar-amiudar mentreamentre
 amolar-amolar amonestar-admoestar mortificar-amortivigar ampar-amparo
 amparar-amparar ampliar-ampliar amurar-amurar anar-andar anca-anca ancar-ancar
 ancian-ancião anede-anade ane-anel negar-anegar anelar-anelar anoch-anoite
 antan-antanho ansa-asa antre-antre placar-aplacar apagar-apagar aora-agora
 aparelhar-aparelhar apartar-apartar apaucar-apoucar apelar-apelar apenas-
 apenas aplicar-aplicar apoderar-apoderar apodiar-apoiar aportar-aportar
 apreheension-apreensão apreisar-apresar aprimairar-aprimorar aproar-aprovar
 apostar-apostar aquel-aquele aquest-aqueste aprestar-aprestar aqui-aqui
 aquistar-aquistar aranha-aranha arancar-arrancar arar-arar arc-arco arazar-
 arrasar arca-arca ardre-arder ardit-ardido ardor-ardor arena-areia arendar-
 arrendar argamasa-argamassa armari-armario armadura-armadura arolar-arrolar
 arquejar-arquejar artelh-artelho art-arte arumar-arrumar asautar-assaltar
 assegurar-assegurar asenhorar-assenhorear asentar-assentar asentir-assentir
 asolar-assolar aspirar-aspirar aspre-aspero aste-haste atendre-atender
 atenuar-atenuar atirar-atirar atrasar-atrasar atraire-atrair atrigar-atriguar

aturar-aturar augur-augur augurar-augurar aurelha-orelha autar-altar
 auteza-alteza autorgar-outorgar auvir-ouvir auzar-ousar avan-avan
 avansar-avançar avantar-avantar avareza-avareza avena-aveia aver-aver
 avenir-aviir avers-avesso avezat-avezado aviar-aviar avilar-avilar avivar-
 avivar avizar-avisar avocar-avocar avol-avol
 babau-babou badoc/badolh-badajo baga-baga bai-baio baizar-beijar
 bajular-bajular balandral-balandrau baisar-baixar baile-bailio bala-bala
 balansar-balançar balena-baleia balesta-balista banhar-banhar baratar-
 baratar baralhar-baralhar barba-barba barra-barr bastir-bastir batalh-
 badalo bec-bico bel-belo beltat-beldade beleza-beleza bestia-besta
 beude-bevodo blasmar-blasmar boca-boca bojar-bojar bolsa-bolsa
 bon-bom bontat-bondade bosc-bosco/bosque bota-bota botar-botar
 boton-botão bou-boi braidar-bradar brotar-brotar bruma-bruma bufar-
 bufar burla-burla buzinar-buzinar
 cabal-cabal cabana-cabana cabel-cabelo caber-caber cabra-cabra cabrit-
 cabrito cabrida-cabrita cada-cada cadel-cadela cadena-cadeia cadiera-
 cadeira caitiu-cativo calamen-calamento calar-calar calcar-calcar caler-
 caer calhau-calhau calv-calvo calor-calor caminar-caminhar camp-
 campo can-cão cana-cana canalha-canalha canas- cãs cantar-cantar
 cantor-cantor captar-captar caro-caro cara-cara carga-carga carcer-carcere
 cargar-carregar carn-carne carreira-carreira casa-caça castel-castelo
 castigar-castigar cauma-calma causar-calçar cautela-cautela caval-cavalo
 cava-cava cavalgar-cavalgar cavar-cavar caza-casa cazal-casal caire-
 cair cec-cego ceder-ceder cegonha-cegonha celar-celar cena-ceia cep-
 cepo cerv-cervo cera-cera cicuda-cicuta ciutat-cidade clamar-clamar
 clamor-clamor claretat-claridade cobertor-cobertor cobeeza-cobiça cobrir-
 cobrar-cobrar col-collo colgar-colgar colhir-colher colpa-culpa
 comensar-começar comprar-comprar comprobar-comprovar concordar-
 concordar conduzir-conduzir contenda-contenda contrariar-contrariar
 corason-coração cordier-cordeiro corp-corvo corral-corral cortejar-cortejar
 costar-custar costumar-costumar cremar-cremar constrenher- costreger
 cridar-gritar cru-cru cruel-cruel cuidar-cuidar
 daisar-deixar dan-dan/dano dar-dar dart-dardo daurar-dourar daveras-
 daveras debil-debil decima-dizima descolpar-desculpar defesa-defesa
 dedal-dedal deduzir-deduzir desfivelar-desafivelar degan-decano
 deglotir-deglutir deleitar-delechar demandar-demandar demorar-demorar
 deslocar-deslocar demora-demora depois-depois des-des descaus-
 descalço descreire-descreer descuidar-descuidar desdenh-desdem desfilar-
 desfilar desfazemen-desfazimento desgranar-desgranar desjontar-disjuntar

desmentir-desmentir desmontar-desmontar desnudar-desnudar despachar-
 despachar despairecer-desaparecer despesa-despesa despertar-despertar
 desplazer-desprazer desplegar-despregar despois-despois desprezar-
 desprezar desquitar-desquitar destacar-destacar destapar-destapar desterrar-
 desterrar destorbar-disturbar despoderar-desapoderar desviar-desviar det-
 dedo detener-deter detras-detras dever-dever dezamaparar-desamparar
 dezejar-desejar dezegal-desigual dezesperar-desesperar dezistir-desistir
 dia-dia dintre-dentre dizer-dizer dispers-disperso domestegue/domestic-
 domestico don-don dona-dona donsela-donzela dormir-dormir dors/
 dos-dorso/dosso dotar-dotar dous-dous dousura-doçura dormitar-dormitar
 dureza-dureza durador-durador/duradouro durada-durada
 ega-egua eisida-eixida eleger-eleger elevar-elevar emagrezir-emagrecer
 embarcar-embarcar embargar-embargar emboscar-emboscar emenda-
 emenda empalhar-empalhar embriac-embriago empenhar-empenhar
 emplegar-empregar emplir-empir empero-empero empachar-empachar
 empenhar-empenhar en-em enamorar-enamorar encanezir-encanecer
 encantar-encantar encargar-encarregar encontrar-encontrar endurar-
 endurar enduzir-enduzir enforçar-enforçar enganar-enganar enganos-
 enganoso engolir-engolir enlazar-enlazar enojar-enojar enquerer-enquerer
 enredar-enredar ensacar-ensacar ensinar-ensinar encerrar-encerrar
 entalhar-entalhar ensemble-ensembra entrar-entrar entretan-entretanto
 envazir-invadir enveja-inveja envelhezir-envelhecer envergonhar-
 envergonhar enviar-enviar envidar-envidar envilezir-envilecer erba-erva
 erisar-erisar erm-ermo eretar-erdar eretat-erdade errar-errar esca-isca
 escanh-escano escaldar-escaldar escabel-escabelo escapar-escapar escarn-
 escarnio escama-escama escobar-escovar escolh-escolho escombros-
 escombros escorar-escorar esconder-esconder escolar-escolar escortegar-
 escortegar escrivania-escrivania escudar-escudar escumar-escumar
 escur-escuro escurara-escurar escuritat-escuridade escursir-escurecer
 escut-escudo edificar-edificar esfolhar-esfolhar esfortz-esforço esgot-
 esgoto esgotar-esgotar esmagar-esmagar esmaiar-esmaiar esmar-esmar
 esmerar-esmerar expandir-expandir espantalh-espantallo espedir-expedir
 espeisar-espessar espelh-espelho espelir-expelir espera-espera esperteza-
 esperteza espiar-espiar espiga-espiga espos-esposo exprimir-exprimir
 espuma-espuma espurgar-espurgar esquivar-esquivar est-este estaca-
 estaca estancar-estancar estendre-estender estima-estima estiu-estio
 estornudar-estornudar estrada-estrada estragar-estragar estraire-extrair
 estranheza-estranheza estrech-estrito estrenher-estrenher estrep/estriop/
 estriup-estribo eu-eu evazir-evadir eisir-exir

faula/fabla-fabula fabrega-fabrica facia-face fada-fada fadar-fadar fadiga-
 fadiga fag-faia falha-falha falhir-falir falsedat-falsidade faus-fouce
 falsificar-falsificar fauta-falta fanar-fanar fame-fame/fome farina-farinha
 fat-fado faular-fabular farda-farda fasti-fastio fava-fava fazedor-fazedor
 fazenda-fazenda faraut-farauto febre-febre feira-feira fel-fel femna-femea
 fen-feno fenar-fenar frieste/fiestre-fresta fenher-fingir fendre-fender fera-
 fera ferre-ferro ferias-férias ferir-ferir fermar-firmar ferment-fermento
 fermeza-firmeza ferrador-ferreiro festa-festa festejar-festejar ficar-ficar
 fivela-fivela filar-fiar filh-filho filha-filha filhar-filhar filhota-filhota
 fiança-fiança flac-fraco flagel-flagelo flairar-cheirar flaqueza-fraqueza
 flauta-flauta flecha-flecha fleuma-fleuma flor-flor florir-florir flum-flume
 foc-fogo folha-folha forrar-forrar fora-fora fogal-fogar forca-forca
 formiga-formiga forsa-força forn-forno fort-forte fortaleza-fortaleza
 fortuna-fortuna * fosc-fosco fraudamen-fraude fraudador-fraudador frei/
 freg-frio fren-freio frut-fruta fuga-fuga fugir-fugir furt-furto

*(fortuna = tempestade)

gabar-gabar gal-galo galhardia-galhardia galina-galinha ganhar-ganhar
 garantia-garantia garrular-garrular gat-gato gelada-geada gemel-gemeo
 gemer-gemer gengiva-gengiva germenar-germinar genolh-geolho girar-
 girar glatir-latir glut-glude gost-gosto gostar-gostar gotejar-gotejar
 gotiera-goteira gota-gota grandeza-grandeza granja-granja grat-grado
 grei-grei grazir-gracir gleia-greya guia-guia gros-grosso
 ilha-ilha ir-ir igar-igar ibern-inverno
 ja-ja jazer-jazer jejunar-jejuar joc-jogo jou-jugo jogador-jogador
 jogar-jogar joven-jovem jos-juso jumen-jumento
 labia-labio lagrema-lagrema la/lai-la laidir-laidir laisar-leixar lama-lama
 lansar-lançar lar-lar larc-largo largar-largar largura-largura lart-lardo
 lasar-laçar lat-lato latz-lado laut-laude lauvar-louvar leal/leial-leal
 lebre-lebre lega-legua lei-lei leitor-leitor lendena-lendea lenha-lenha
 lensol-lençol leire-ler lentilha-lentilha let-ledo leu-leve levar-levar
 leveza-leveza liar-ligar liam/liame-liame liansa-liança liga-liga linha-
 linha linhatge-linhagem liri-lirio loba-loba loc-logo logal-local logar-
 lugar lonc-longo lumenar-lomear luchar-lutar lume-lume lutz-luz luzir-
 luzir

madeira-madeira madur-maduro madureza-madureza maestria-maestria
 magre-magro magreza-magreza mais-mais mai-mãe maner-mãer
 major-maior mal-mau maleza-maleza malhar-malhar malicios-
 malicioso malvatz-malvaz mancip-mancebo mancipar-emancipar
 manada-manada mandar-mandar manejar-manejar manga-manga manh-

manho mans-manso manobra-manobra mantega-manteiga manutensa-
 manença mar-mar maravilha-maravilha marca-marca marit-marido
 martel-martelo martelar-martelar martitzar-martirizar masnada-masnada/
 mesnada mascle-macho mastegar-mastigar matar-matar mecha-
 mecha meesme-meesmo mei-meio meidia-meio-dia metat-metade
 mel-mel medesme-medesmo metge-mege melhor-melhor melhorar-
 melhorar melhoramen-melhoramento membrar-membrar mendic-
 mendigo menescabar-menoscarbar menor-menor mens-menos mentre-
 mentre menut-miudo mercat-mercado mercador-mercador merenda-
 merenda mes-mes mescla-mescla menesprezar-menosprezar met-medo
 meta-meta mezina-mezinha meu-meu moleza-moleza molhar-molhar
 molher-mulher molt/mout-muito molzer-munger/monger mordedura-
 mordedura mort-morte mostra-mostra mudar-mudar mudansa-mudança
 mula-mula

nadar-nadar naiser-nascer nat-nado naritz-nariz nau-nau nebla-nevoa
 nembrar-nembrar net-neto nevar-nevar niu-nho noch/nueit-noite nome-
 nome nonca-nunca nora-nora nou-novo novia-noiva noze-noz nozer-
 nozir nuca-nuca nudeza-nudez

obediensa-obedeença oblidansa-obridança oblidar-obridar obligar-obrigar
 obra-obra obsecrar-obsecrar ocois-ocioso odor-odor odre-odre ofegar-
 ofegar ogan-ogano oi/ui-oi olh-olho ola-ola onda-onda ou-ovo
 oprimir-oprimir ortiga-urtiga os-osso ovelha-ovelha

pabil-pavio padela-padela pagar-pagar pai-pai paladar-paladar paiser-
 pascer palha-palha palaura-palavra palpar-palpar palut-palude paor/
 pavor-paor/pavor parcela-parcela parcir-parcir parelh-parelho parentela-
 parentela paret-parede parir-parir patilha-partilha pasmar-pasmar pasta-
 pasta pastor-pastor patz-paz paubre-pobre paubrezza-pobreza pauc-pouco
 pe-pe peis-peixe peitral-peitoral peitz-peito peyor-pior pel-pele pelejar-
 pelejar pelac-pelago pelota-pelota penhorar-penhorar per-per pera-pera
 perda-perda perditz-perdiz perdonar-perdoar perdre-perder perigolar-
 perigar permaner-permanecer perseguir-perseguir persega-pessego pes-
 peso pescador-pescador pesme-pessimo picar-picar pilhar-pilhar pinha-
 pinha pintar-pintar pistola-pistola (lat.epistola) plaia-praia planura-planura
 plazer-prazer pleitear-pleitejar podadoira-podadoira pobol-poboo poblar-
 povoar podar-podar poder-poder poiar-pojar pois-pois polgar-polegar
 polvera-polvora ponhal-punhal porca-porca potz-poço pradaria-pradaria
 pregar-pregar prenhe-prenhe prest-preste pretz-preço prezar-prezar
 primver-primavera proa-proa proensal-proensal proeza-proeza provar-
 provar pureza-pureza putaria-putaria

quebrar-quebrar querer-querer questionar-questionar quiet-quieto
 quitar-quitar
 rancor-rancor raspar-raspar rastel-rastelo rauba-roupa raitz/rais-raiz
 recebedor-recebedor reclinar-reclinar recobrar-recobrar recolhir-recolher
 recordar-recordar recusar-recusar redarguir-redarguir redon-redondo
 redondeza-redondeza reduzir-reduzir refeitor-refeitorio rega-rego rei-
 rei rege-rijo relotge-relogio rem-remo remar-remar remaner-remanir
 remendar-remendar lembrar-lembrar ren-ren renegar-renegar
 renovar-renovar renunciar-renunciar repelir-repelir repentir-repender
 reptar-reptar resarcir-ressarcir resposta-resposta restolh-restolho riba-riba
 ribeira-ribeira rigar-regar riqueza-riqueza riu-rio roda-roda ruga-ruga
 sabensa-sabença saber-saber sabor-sabor saia-saia salpicar-salpicar
 saludar-saudar salv-salvo sanar-sanar sanitat-sanidade sarzir-serzir saut-
 souto saziar-saciar sazon-sazon secar-secar secorrir-socorrer seda-seda
 segar-segar segador-segador segon-segundo segur-seguro seguransa-
 segurança selh-selo selva-selva semana-semana semelhar-semelhar
 semenar-semear semen-semente sempre-sempre sen-seio semblar-
 semelhar senestre-seestro senhor-senhor sentar-sentar senglier-senlheyro
 serra-serra serrador-serrador servidor-servidor set-sede seu-seu sobra-
 sobra sobrar-superar sobre-sobre sobremesa-sobremesa sobrenome-
 sobrenome sobrepojar-sobrepujar sofocar-sufocar sofrensa-soferença
 sofrer-sofrer sogra-sogra sol-sol solamen-somente solatz-solaz soler-
 soer solombrar-sombrear soltar-soltar son-sono sospirar-suspirar sostar-
 sustar soterrar-soterrar suar-suar suor-suor surgir-surgir
 talhar-talhar tanher-tanger tapar-tapar tardansa-tardança taula-tabua taur-
 touro tebe-tibio tech-teto teda-teda teis-teixo tela-tela telh-tilia temer-
 temer temor-temor tenda-tenda tener-ter tenher-tingir termenar-termenar
 teu-teu teule-telha teta-teta tia-tia tinha-tinha tezoiras-tesoiras tirar-tirar
 tocar-tocar toler-tolher tort-tordo trair-trair travar-travar treball/tribalh-
 trabalho trau-trave tremar-tremar triar-triar tristeza-tristeza trucidar-
 trucidar tuador-tutor turma-turma trufa-trufa
 ufana-ufania ulular-ulular untar-untar uva-uva
 vaca-vaca vacaria-vacaria vaguejar-vaguear vairar-variare val-vale valat-
 valado valen-valente valer-valer van-vão vedar-vedar vela-vela velejar-
 velejar velha-vigilia velh-velho velhiza-velhice venador-veador venser-
 vender-vendedor verdor-verdor vergonha-vergonha vermelh-
 vermelho verruga-verruga verre-verrão/varrão vespa-vespa vespra-vespera
 vestir-vestir vetz-vez veuva-viuvia veziga-bexiga vezin-vizinho via-via
 vianda-vianda viatge-viagem vida-vida visc-visco vit-vide vitoalha-

vitualhas viu-vivo voluntat-vontade volt-vulto volta-volta

Tabela comparativa de palavras do castelhano, português, provençal e francês arcaicos

Castelhano	Português	Provençal
Francês		
altor	altura	autura
hauteur		
-	esmar	esmar
esmer		
oler	cheirar	flairar
flairer		
espertar	despertar	despertar
esperir		
dueña	dona	dona
dame		
envergonçar	envergonhar	envergonhar
vergonder		
ascuru/oscuro	escuro	escur
oscur		
espejar	espelhar	espelhar
miroiter		
fiviella	fivela	fivela
bocle		
fija	filha	filha
fille		
finiestra	fresta	frieste/fiestre
fenestre		
isla/isola	ilha	ilh
a	ille/isle	
ayunar	jejuar	jejunar
jeuner		
loar	louvar	lauvar
loer		
lenzuelo	lençol	lensol
lensuel		
lenteja	lentilha	lentilha
lentille		
madre	mãe	ma

i	mere		
	mio/tuo/suo	meu/teu/seu	meu/teu/seu
mon/ton/son			
	sudar/sudor	suar/suor	suar/suor
suer/sueur			
	tijeras	tesoiras	tezoiras
tesoire			
	tremeçer	tremer	tremer
trembler			
	vergoina	vergonha	vergonha
vergogne/honte			

Tabela comparativa de palavras do português, provençal e francês arcaicos

Português	Provençal	Francês
agradar (empr.prv.)	agradar	agreer (empr.prov.)
apoucar	apaucar	amanrir
aqui	aqui	ici
calar	calar	taisir
cegonha	cegonha	soigne
cortejar	cortejar	courtoyer
desejar	dezejar	desirer
dormitar	dormitar	dormillier
enredar	enredar	prendre avuec filé
escama	escama	ecaille
estrada	estrada	estree
falar	faular	parler
festejar	festejar	fester/festisser
grey	grei	tropel
inveja/enveja	enveja	envye
jazer	jazer	gesir
lar	lar	foer
lama	lama	fanc
madureza	madureza	meurté
mais	mais	plus
malestar	malestar	malaise
meta	meta	moie
mordedura	modedura	morsure
mudança	mudansa	muance
nau (empr.prv.)	nau	nef

nevar	nevar	neiger
ofegar	ofegar	haleter
pelejar	pelejar	luitier
podadoira	podadoira	sarpe
porca	porca	truie
quebrar	quebrar	crever
roda	roda	roe/ruee
salpicar	salpicar	esclaboter
segurança	seguransa	securité
sentar	sentar	(se) seoir
sobra	sobra	reste
sogra	sogra	suevre
sustar	sostar	souspendre
tolher	tolher	toudre
traidor	traidor	traître
trucidar	trucidar	massacrer
turma	turma	troupe/bande
ufana	ufana	jactance
untar	untar	oindre
velejar	velejar	naviguer
volta	volta	tour/torn

Bibliografia

- Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1961.
- ALIBERT, Lois. *Dictionnaire Occitan-Français*. França: Institut d'Estudis Occitans, 1997, 6a. Ed.
- ANGLADE, J. *Grammaire de l'Ancien Provençal*. Paris: Klincksieck, 1921.
- _____. *Grammaire Élémentaire de l'Ancien Français*. Paris: Armand Colin, 1965.
- APPEL, C. *Provenzalische Chrestomathie*. Leipzig: 1930, 6ª.ed.
- ARIAS, X.L.García. *Diccionario General de la Lengua Asturiana*. Ovideo: Prensa Asturiana, 2002-4.
- BALDINGER, K. *La Formación de los Dominios Lingüísticos en la Península Ibérica*. Madrid: Gredos, 1963.
- BASSETTO, B.F. *Elementos de Filologia Românica*. São Paulo: Edusp, 2001.
- BLOCH, O. E WARTBURG, W. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française*. França: Presses Universitaires de France, 1951.

- BOURCIEZ, E. *Éléments de Linguistique Romane*. Paris : Klincksieck, 1946.
- Centre de Philologie et de Littératures Romanes de Strasbourg. Mélanges de Linguistique, Philologie et Littérature offerts à M.Albert Henry. Paris: Klincksieck, 1970.
- BRAGA, T. *Trovadores Galecio-Portugueses*. Porto: Imprensa Portuguesa Editora Porto, 1871.
- BUENO, F. S. *Formação Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.
- CASTRO, Ariel. *O Descordo Plurilingue de Raimbaut de Vaqueiras*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1995.
- COHEN , M. *Histoire d'une Langue; le Français*. Paris: Les Éditeurs Français Réunis, 1950.
- COROMINAS, J. e PASCUAL, A. *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*. Madrid: Gredos, 1980.
- COUTINHO, I.L. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1973.
- CUNHA, A.G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DAUZAT, A. *Précis d'Histoire de la Langue et du Vocabulaire Français*. Paris: Larousse, 1949
- _____. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française*. Paris: Larousse, 1938.
- ELCOCK, W.D. *The Romance Languages*. Londo: University Press Oxford, 1960.
- ENTWISTLE, W.J. *The Spanish Language*. London: Faber and Faber, 1962.
- ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine: Histoire des Mots*. Paris: Klincksieck, 1994.
- FIGUEIREDO, C. *Novo Dicionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Soc. Ed.Arthur Brandão, 1922.
- GONZÁLEZ, J.R.Fernández. *Gramatica Histórica del Provenzal*. Espanha: Universidad de Oviedo, 1985.
- GREIMAS, A.J. *Dictionnaire de l'Ancien Français*. Paris: Larousse, 1969.
- GROULT, P. *La Formation des Langues Romanes*. Tournai: CASTERMAN, 1947.
- HUBER, J. *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: F.C.Gulbenkian, 1962.
- JABERG, K. *Sprachwissenschaftliche Forschungen und Erlebnisse*. Zuerich: Max Niehans, 1937.
- KREMnitz , G. E NIEMEYER, Max. *Das Okzitanische*,

- Sprachgeschichte und Soziologie*. Tuebingen:Verlag, 1981
- LAPESA, R. *História de la Lengua Española*. Madrid: Gredos, 1981
- LAFONT, R. e ANATOLE, C. *Nouvelle Histoire de la Littérature Occitan*. França : Institut d'Estudis Occitans, Presses Universitaires de France, 1970.
- LAGARDA, A. *Anthologie Occitane du Pays de Montségur*. Toulouse: Centre Regional d'Etudes Occitanes,1978.
- LAUSBERG, H. *Linguística Românica*. Madrid: Gredos, 1965.
- LAPA, M.R. *Lições de Literatura Portuguesa: Época Medieval*. Coimbra: Coimbra Editora, 1960.
- LAPESA, R. e GARCÍA, C. *Léxico Hispánico Primitivo*. Madrid:Espasa-Calpe, 2003.
- LEVY, Emil e WINTER, Carl. *Petit Dictionnaire Provençal-Français*.1. Alemanha: Universitaetsverlag Heidelberg, 1973.
- LUEDTKE, H. *História del Léxico Románico*. Madrid: Gredos, 1968
- MACHADO, J. P. *Origens do Português*. Lisboa: Lisboa, 1967.
- MACHADO, A.V. Lopes. *Dicionário Etimológico de Português Arcaico*. Salvador: Edufba, 2013.
- MALVEZIN, P. *Glossaire de la Langue d'Oc*. Paris, 1908-9.
- MARTINS, O. *História da Civilização Ibérica*. Lisboa: Guimarães Editores, 1972.
- MAURER, T.H. Jr. *A Unidade da România Ocidental*. São Paulo: Edusp, 1951
- MEIER, H. *Ensaio de Filologia Românica* . Rio de Janeiro: Grifo, 1974.
- MEYER-LUEBKE, W. *Introdução ao Estudo da Glotologia Românica*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1916.
- MEYER-LUEBKE, W. e WINTER, Carl. *Romanisches Etymologisches Woerterbuch*. Alemanha: Universitaetsverlag Heidelberg, 1992, 6ª.ed.
- MISTRAL, F. *Lou Tresor dou Felibrige*. Barcelona: Ramoun Berenguié, 1968.
- NASCENTES, A. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.
- NETO, S. S. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.
- NUNES, J.J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*.Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1945.
- POSNER, R. *The Romance Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- Real Academia Española. *Diccionario de la Lengua Española*. Madrid, 1984.

- RIQUER, M. de. *Los Trovadores, Historia Literaria y Textos*. Barcelona: Ariel, 1975.
- SARAIVA, J.A. e LOPES, O. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 5ª.edição
- SCHULTZ-GORA, O. e WINTER, Carl. *Altprovenzalisches Elementarbuch*. Alemanha: Universitaetsverlag Heidelberg, 1924
- SILVA, J.C. *Dicionário da Língua Portuguesa Medieval*. Paraná: Universidade Estadual de Londrina, 2007
- SPINA, S. *A Lírica Trovadoresca*. São Paulo: Edusp, 3ª.ed.1991.
- TAGLIAVINI, C. *Orígenes da las Lenguas Neolatinas*. Espanha: Fondo de Cultura Econômica, 1993.
- TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- TUÑÓN, M.G. *Diccionario de Castellano Antiguo*. Madrid: Alfonsópolis, 2002.
- VAAN, M. De. *Etymological Dictionary of Latin and the Other Italic Languages. Leiden Indo-European Etymological Dictionary Series*. Boston: Brill, 2008
- VASCONCELOS, J.L. de. *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.
- _____. *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.
- VIARO, M.E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- VIDOS, B.E. *Manual de Linguística Românica*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.
- WARTBURG, W.v. *La Fragmentación Lingüística de la Romania*. Madrid: Ed.Gredos, 1971.
- _____. *Les Origines des Peuples Romains*. Paris: Presses Universitaires de France, 1041.
- WILLIAMS, E. B. *Do Latim ao Português*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.